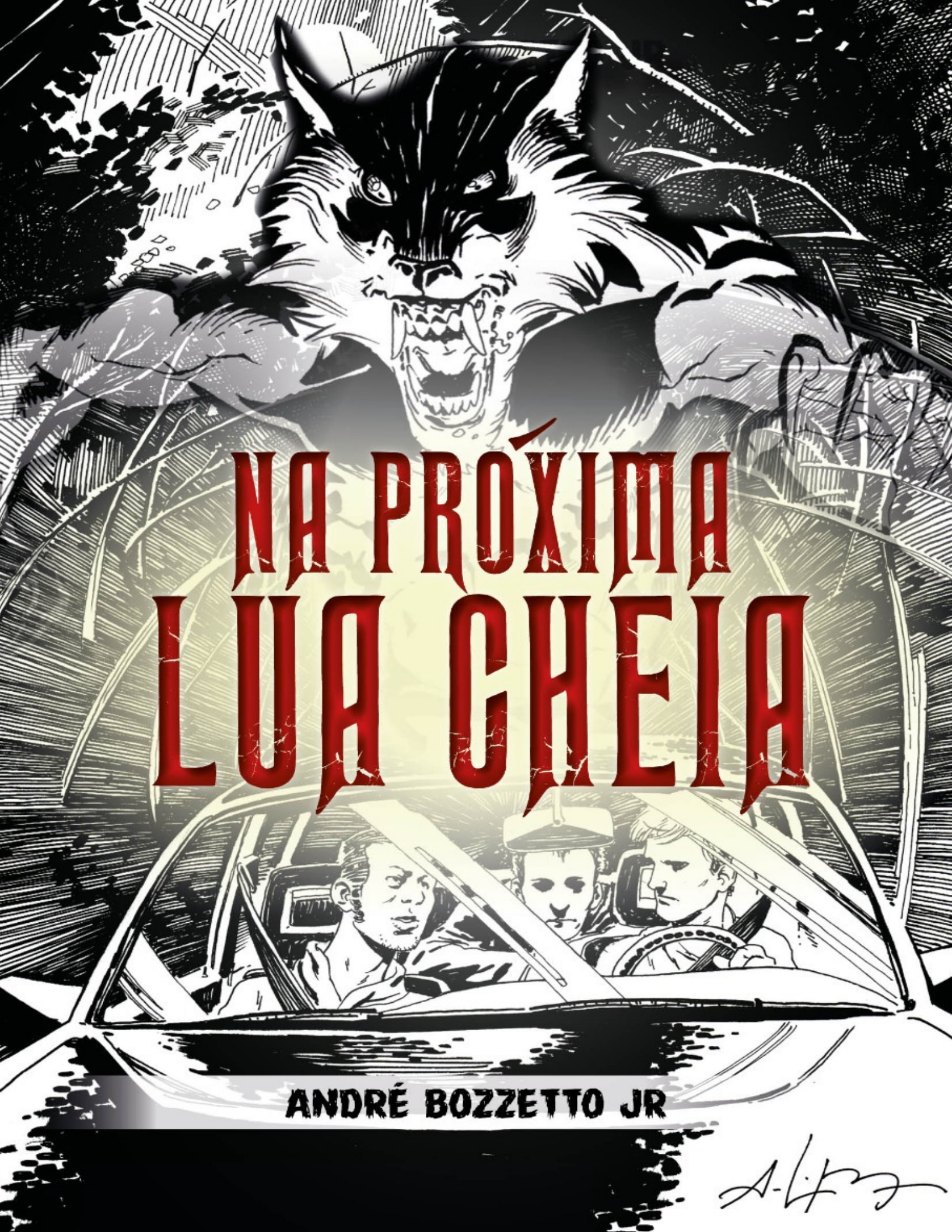




NA PRÓXIMA LUA CHEIA

ANDRÉ BOZZETTO JR

A. L. Jr



ANDRÉ BOZZETTO JR

NA PRÓXIMA LUA CHEIA

2ª Edição

**RELATOS
NOTURNOS**

2021

Copyright © André Bozzetto Junior

Pinhalzinho – SC

2ª Edição, 2021

Autor: André Bozzetto Jr

Capa: Vagner Bozzetto

Ilustração de capa: Andrei Bressan

Ilustrações internas: Andrei Bressan

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bozzetto Junior, André

Na Próxima Lua Cheia / André Bozzetto Junior. –
Pinhalzinho, SC: Relatos Noturnos (ArteSam
Editora), 2021.

ISBN:

I. Ficção brasileira I. Título.

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura brasileira 869.93

Todos os direitos reservados a André Bozzetto Jr.

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio – eletrônico, mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia ou gravação – sem permissão do autor.

Contato:

E-mail do Autor: bozzettojunior@yahoo.com.br

Website: relatosnoturnos.com



“Você que é cinéfilo e fã de carteirinha dos clássicos filmes *Bala de Prata*, *Grito de Horror* e *Um Lobisomem Americano em Londres*, além de leitor de livros povoados de lobisomens ou contador de incríveis *causos*, com certeza se deliciará nestas páginas obscuras salpicadas de suspense e puro horror.”

Ademir Pascale

“Considero André como um dos grandes conhecedores sobre lobisomens e terror.”

Adriano Siqueira

I

O ESTRANHO: PRIMEIRA PARTE



1

Adalberto estava entrando pela porta dos fundos com uma pilha de lenha nos braços quando a gritaria começou. Além das vozes das garotas, que emitiam berros estridentes, era audível também a de Lúcio, que denotava um misto de espanto e irritação. Mas havia algo mais. Tratava-se de uma voz desconhecida, masculina, e que de imediato passou uma sensação estranhamente desagradável para o fazendeiro. Instintivamente, ele soltou a pilha de lenha ao lado da pia e se dirigiu para a porta que dividia a cozinha da sala de estar, local de onde provinha a barulheira. Fez isso com cautela, e não sem antes apalpar suavemente o cabo da arma que trazia na cintura, sob a camisa. Não sabia que diabos estava acontecendo, mas tinha a intuição de que não era nada de bom.

Quando entrou na sala, Adalberto ficou surpreso e intrigado com a cena que vislumbrou. As três garotas estavam encolhidas perto da lareira, com fisionomias apavoradas. Lúcio estava no centro do recinto, em uma posição que levava a crer que estava prestes a sair correndo. Logo adiante dele, perto da porta principal, estava um homem desconhecido. Várias coisas chamavam a atenção naquele sujeito. Aparentava ter trinta e poucos anos e vestia roupas que, apesar de sujas e esfarrapadas, demonstravam ter sido boas e caras quando foram compradas. O indivíduo estava repleto de hematomas e arranhões, e sua fisionomia estafada transmitia a impressão de alguém à beira da mais completa exaustão. Além disso, tinha um olhar alucinado, que o fazendeiro interpretou como sendo de alguém cuja mente transitava pelos perigosos limites da sanidade.

– Mas que diabo está acontecendo?! – perguntou Adalberto, com sua voz possante e autoritária.

– Estávamos aqui tranquilos, quando esse cara entrou porta adentro feito um louco, falando um monte de besteiras! – disse Lúcio, com ar perplexo.

Antes que alguém tornasse a dirigir a palavra ao estranho, ele começou a caminhar na direção de Adalberto.

– Precisamos fugir daqui imediatamente! Eu vi duas caminhonetes ali fora! Podemos fugir com elas antes que *ele* chegue! – gritava o desconhecido.

– Mas espere aí, meu amigo! – respondeu Adalberto, sem disfarçar a irritação – Que história é essa?! Fugir de quem?! Aliás, podemos saber quem é você e por que invadiu a minha casa dessa maneira?!

– Agora não há tempo para explicações! Pelo amor de Deus! Temos que cair fora! – dizia o estranho, cada vez mais alvoroçado.

– O único aqui que vai cair fora é você! Nós não iremos a lugar algum! – disse Adalberto, voltando a tocar no cabo da arma que trazia oculta sob a camisa – Vá embora agora mesmo ou eu chutarei o seu traseiro daqui até a rodovia!

– É claro que eu irei embora! Mas vocês precisam vir também! – dizia o estranho, quase implorando – Precisam entender que depois que anoitecer *ele* vai matar a todos que encontrar pela frente!

– Lúcio, eu estou com medo! – disse uma das garotas, já com lágrimas nos olhos.

– Não precisa ficar com medo, querida. O nosso amigo aqui já está de saída. – interveio Adalberto, pegando o desconhecido pelo braço e conduzindo-o em direção à porta.

– Pois vocês devem ter medo, sim! – gritou o estranho – Já disse: *ele* vai matar a todos!

– Mas quem é *ele*, afinal de contas?! Que história mais maluca é essa?! – perguntou Lúcio, enquanto acompanhava Adalberto na condução do desconhecido para fora da casa.

– É um monstro! – gritou o estranho, soltando o braço que estava sendo segurado por Adalberto. – Ele já está me perseguindo há quase 24 horas. Durante o dia ele me seguiu em sua forma humana. Pude percebê-lo me acompanhando por entre a mata. Algumas vezes o avistei por detrás das árvores. Mas à noite... Meu Deus, à noite ele vai se transformar em um monstro horrível, e acho que só por um milagre ele desistiria de me pegar!

– Era só o que me faltava! – esbravejou Adalberto – Um doido! Você fugiu de algum hospício?!

– Ok. Se vocês não querem acreditar, o azar é de vocês. Eu avisei. – disse o estranho, já se afastando da casa – Com essas caminhonetes poderíamos fugir

rapidamente. Mas tudo bem. Eu irei caminhando mesmo. Ainda falta mais ou menos uma hora até o pôr do sol, e eu estou ouvindo barulho de carros à distância. A rodovia não deve ficar muito distante daqui, não é mesmo? Talvez eu consiga uma carona até a cidade mais próxima.

– Não estou gostando nada dessa história. – disse Lúcio em voz baixa, se postando ao lado de Adalberto.

– Concordo. – respondeu o outro – Eu devia segurar essa cara aqui e chamar a polícia.

– Mas não podemos fazer isso. – disse Lúcio. Dessa vez falou tão baixo que a sua voz mais parecia um sussurro.

Adalberto apenas assentiu com um aceno de cabeça enquanto observava o estranho se dirigindo rapidamente para a poeirenta estrada de terra, que ligava o sítio a rodovia. Quando já havia ultrapassado a porteira na entrada da propriedade, o estranho virou-se para trás e gritou aos homens:

– E querem saber de mais uma coisa? Quando eu chegar à cidade irei direto à polícia! Eles até poderão não acreditar na minha história, mas pelo menos vão ter que vir até aqui para recolher os pedaços de vocês!

– Mas que merda, Adalberto! – disse Lúcio, com grande inquietação – Esse cara vai nos causar problemas. Não podemos deixá-lo ir até a delegacia!

– Sim, eu sei! – esbravejou Adalberto – Mas o que vamos fazer?! O cara é doido, não tem como tirar essas bobagens da cabeça dele!

– Não podemos deixá-lo ir até a delegacia! – repetiu Lúcio, visivelmente preocupado.

– E o que você quer que eu faça?! Que eu o amarre ou que eu o mate?! – retrucou Adalberto, quase aos berros.

– Temos que convencê-lo a ficar. – insistiu Lúcio, já se encaminhando na direção da estrada.

– Merda! – gritou Adalberto, instantes antes de seguir o amigo no encalço do estranho.

Quando as primeiras sombras da noite começaram a encobrir a paisagem, o estranho se encontrava sentado à mesa da cozinha da casa de fazenda, comendo pão com queijo e bebendo um copo de vinho.

– Ainda não acredito que me convenceram a ficar. – disse ele, abocanhando um grande pedaço de pão de maneira quase voraz.

– Bem, a verdade é que, seja lá o que for que estiver no seu encalço, certamente iria lhe alcançar antes que você chegasse à cidade. – disse Lúcio – São quase vinte quilômetros, e com certeza ninguém daria carona para um sujeito que está com um aspecto desses.

– Além disso, essa casa foi construída à moda antiga. Tem portas e paredes muito sólidas. Se o seu monstro vier lhe procurar, será muito difícil ele entrar aqui. – complementou Adalberto, se esforçando para parecer cordial.

– E temos armas. Várias armas. – mencionou Lúcio.

Mesmo com a boca cheia de pão e queijo, o estranho começou a rir. No início era apenas um riso contido, que logo se transformou em gargalhadas.

– O que foi? – perguntou Lúcio.

– Qual é a graça?! – inquiriu Adalberto, retomando seu habitual mau-humor.

– Eu não acredito em uma só palavra do que estão dizendo. – exclamou o estranho, em meio a um gole de vinho – Posso até estar ficando meio insano, mas não sou burro. Logicamente, vocês não querem que eu vá até a cidade. Ou melhor, acho que vocês não querem que eu vá até a polícia. Esse é o motivo, não é mesmo? Que tipo de crime vocês cometeram?

As palavras do estranho fizeram com que o semblante de Adalberto ficasse profundamente sério. Ele era um homem alto e corpulento, cujos cabelos precocemente grisalhos faziam-no aparentar mais do que os 56 anos que realmente possuía. Seu rosto ficou vermelho e seus olhos não escondiam a apreensão. Nem Lúcio, que o conhecia há tantos anos, lembrava de tê-lo visto tão tenso como naquele momento.

– Ora, o que é isso?! – indagou Lúcio, tentando parecer despreocupado – Não temos nenhum problema com a Lei.

– É verdade! Ou por acaso você acha que temos cara de marginais?! – esbravejou Adalberto, dando um soco na mesa.

– Não foi isso que eu quis dizer. – respondeu tranquilamente o estranho – É por causa das meninas que estão lá na sala, não é mesmo? Certamente elas não são filhas de vocês, e muito menos suas esposas.

– Não sei do que você está falando... – disse Adalberto, visivelmente constrangido.

O estranho se levantou da cadeira dando risada. Aproximou-se da janela e olhou para fora, vasculhando através da vidraça as sombras da noite, que agora tomavam por completo o que restava do dia.

– Eu estou dizendo que sei da tremenda orgia que vocês fariam hoje à noite com essas adolescentes! – exclamou ele, ainda rindo – Iria ser uma festa daquelas, e eu cheguei para estragar tudo!

– Seu demente, desgraçado! Não sei o que eu tenho na cabeça que não lhe quebro essa sua cara! – ameaçou Adalberto, furioso.

– É melhor poupar suas forças. Quando *ele* chegar você vai precisar delas. – disse o estranho, mantendo nos lábios aquele sorriso que para Adalberto parecia pura provocação.

– Ora, parem com essa palhaçada, vocês dois! – gritou Lúcio – Adalberto, trate de se controlar! Sabe que isso não leva a nada! E quanto a você, *sujeito-que-nem-sabemos-o-nome*, já que vai ficar aqui, poderia aproveitar para nos contar essa sua história maluca de monstros e perseguições!

– Primeiro, precisamos de armas... – disse o estranho olhando pela janela – *Ele* já está lá fora. Sei que está.

Lúcio sentiu um calafrio lhe percorrer a espinha.

– Esta arma está boa para você? – provocou Adalberto, sacando o revólver que trazia na cintura.

– Não é suficiente. – respondeu o estranho – Precisamos de armas mais potentes.

– Isso porque você não viu as espingardas que eu tenho lá em cima. – disse Adalberto, apontando para o segundo andar.

– Então vá pegá-las.

– Quem você pensa que é para me dar ordens?!

– Parem com isso! – interveio Lúcio, novamente.

Nesse instante a porta da cozinha se abriu e uma das garotas colocou a cabeça para dentro.

– Beto, será que você poderia acender a lareira? Está começando a ficar frio. – disse ela.

Adalberto acompanhou a moça em direção à sala.

– Não se esqueça de trazer as espingardas! – gritou o estranho – E confira se todas as janelas estão bem trancadas!

Adalberto abriu a boca para dizer algo, mas desistiu. Saiu com cara de bravo. Lúcio puxou uma cadeira e sentou-se diante do desconhecido.

– E então? – indagou – Estou ouvindo.

– Bem, pensando melhor, eu realmente não espero que vocês acreditem na minha história. Se alguém me contasse eu também não acreditaria. – disse o

estranho.

– Nesse ponto nós concordamos. – disse Lúcio – Não acredito em histórias de monstros e fantasmas.

– É um lobisomem.

– O quê?!

– A criatura que está me perseguindo é um lobisomem. Parece uma pessoa normal na maior parte do tempo, mas nas noites de lua cheia se transforma em um monstro sanguinário.

Lúcio olhou pela janela.

– Sim, hoje é noite de lua cheia. Ela não surgiu ainda, mas vai raiar em breve. – disse o estranho.

– Ora, isso é um absurdo! – retrucou Lúcio – O que mais me admira é que apesar de tudo, você não aparenta ser um coitado qualquer. Parece ser alguém instruído, e pelo seu sotaque vem da alguma cidade grande. Como pode acreditar nessas bobagens?!

Nesse instante Adalberto voltou para a cozinha trazendo duas espingardas. Encostou uma delas atrás da porta e pôs a outra sobre a mesa diante de si, bem ao alcance de sua mão. Sentou-se sem dizer nada.

– Certo, vamos lá... – disse o estranho respirando profundamente – Meu nome é Lucas Matos. Nasci e morei a vida inteira em São Paulo, mas meu pai era natural aqui do Rio Grande do Sul. De uma cidade chamada Guaíba.

– É perto de Porto Alegre. – disse Lúcio.

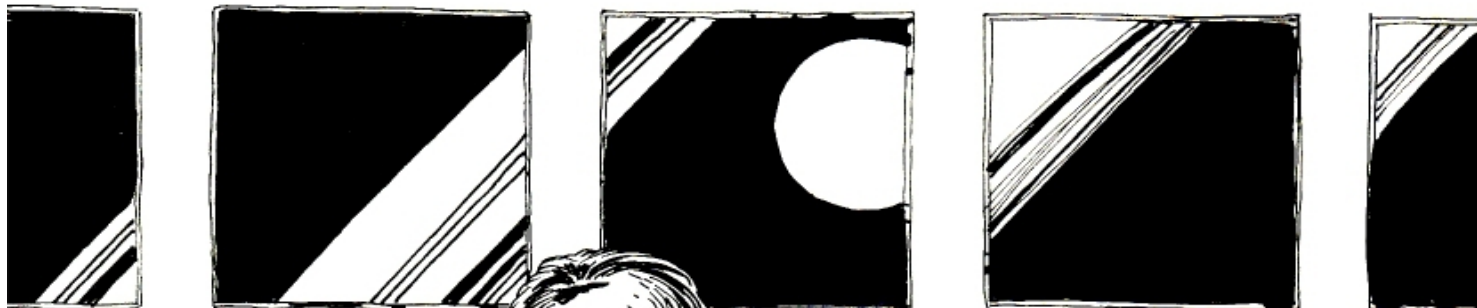
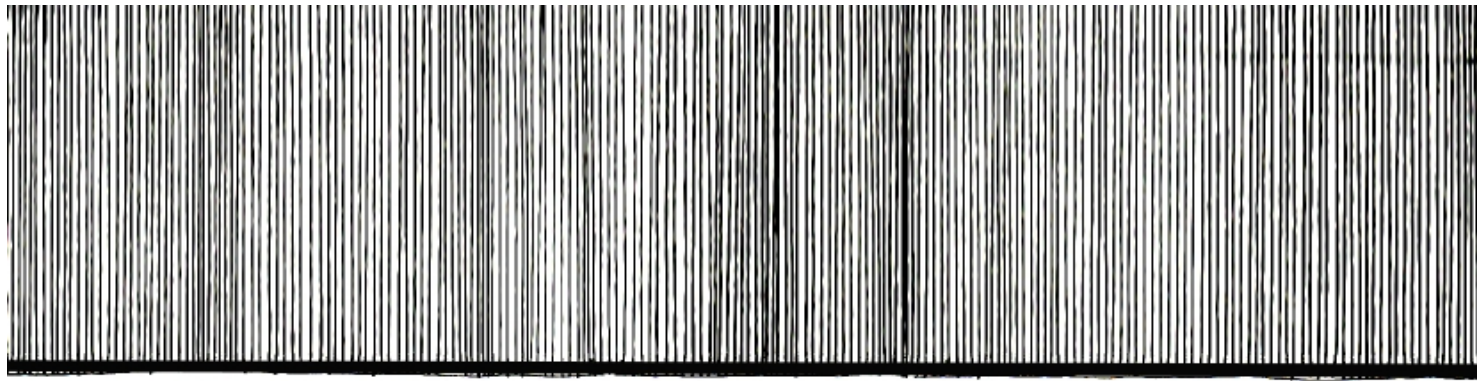
– Certo. Mas isso não vem ao caso. – emendou o estranho, que agora se identificara como Lucas. – O que importa é uma história que o meu pai me contou sobre um lugar chamado Nova Aparição. Acho que vocês também sabem onde se localiza, certo?

– Fica a quase quarenta quilômetros daqui. – respondeu Adalberto, olhando para Lúcio desconfiadamente.

– Sério?! – indagou Lucas, espantado – Quer dizer que em menos de 24 horas eu andei quase 40 km por dentro da mata... Bem, não é pra menos que estou nesse estado.

– Você veio de lá?! – perguntou Lúcio, surpreso.

– Sim, foi lá que tudo começou. – respondeu Lucas – Ou melhor, na verdade tudo começou ainda em São Paulo...



II

RAFAEL



1

Quando Lucas ligou me convidando, hoje à tarde, eu disse que iria, mas agora não sei mais se quero realmente ir. É encrenca, com certeza. Lucas anda muito estranho desde que o pai dele morreu. Está certo que perder um ente querido é sempre uma experiência traumática, ainda mais da forma como aconteceu com o Sr. Jonas, vitimado por um câncer. Mas não sei se isso justifica toda aquela história estranha que ele me contou, principalmente a parte do tempo em que o pai dele ainda morava no Rio Grande do Sul. Já ouvi falar de muitas coisas esquisitas nessa vida, mas em *monstros devoradores de pessoas* eu custo a acreditar.

Lucas está transtornado, esta é a verdade. Eu devo ir até lá, convencê-lo a tomarmos algumas cervejas e esqueceremos essa história maluca. Não foi isso que ele me disse sobre a Alessandra? Foi sim. Eu ainda lembro-me dele colocando a mão no meu ombro e dizendo com aquela cara infeliz que só ele consegue fazer: *Esqueça essa garota, Rafael. Nós avisamos que ela não servia para você. Vamos sair por aí, beber umas cervejas, conhecer garotas diferentes e nos divertir um bocado. Tenho certeza que você vai esquecê-la.*

Quase deu certo. Naquela época nós passamos um pente-fino na noite paulista. Fomos desde festas badaladas e concorridas até rodas de pagode em um boteco de uma esquina qualquer. Bebemos muito, conhecemos inúmeras garotas e nos divertimos pra valer. Quanto a isso não resta dúvida. Mas o problema é que eu não a esqueci. Pelo contrário, mesmo já tendo se passado dois anos, a impressão que eu tenho é que cada vez mais os pensamentos relacionados a ela insistem em invadir a minha mente.

Nesse instante, o telefone toca e eu já sei quem está ligando, mesmo antes de atender.

– E então, Rafael, você vai vir ou não vai?! – perguntou Lucas do outro lado da linha, com justificada irritação.

– Eu vou sim, Lucas. Estava saindo de casa nesse exato momento. – respondo.

– Então é bom se apressar! Está uma hora atrasado, e eu e o Diego já bebemos várias! – disse ele.

– Certo. Daqui a pouco estarei aí. – concluo.

Pego a jaqueta e desço para o estacionamento. Nessa hora me parece que ouvir histórias sobre os fantasmas dos outros seja menos angustiante do que conviver com os meus próprios.

2

O bar estava lotado, como sempre. Avistei os meus amigos sentados na penúltima mesa à direita, a nossa favorita de longa data. Lucas estava fumando e aparentava impaciência. Diego parecia já estar um pouco bêbado.

– Até que enfim! – disse Lucas, erguendo as mãos para o alto em um gesto zombeteiro.

– Pensamos que não viria mais! – exclamou Diego, sorridente – Estávamos prontos para ir até o seu apartamento e lhe encher de porradas!

– Ora, e quando foi que eu deixei vocês na mão?! – questionei, e antes que alguém respondesse acabei complementando – Fora aquela vez da festa de reveillon...?!

– Naquele reveillon você não nos deixou na mão. Deixou-nos a pé! – disse Diego – Sorte que o Lucas ainda tinha dinheiro para o táxi!

– Sim, mas eu expliquei o que aconteceu! – argumentei, em meio às risadas.

– Ora! – gritou Diego – Não me venha contar de novo aquela história de que você saiu com uma loira lindíssima, porque nós já sabemos que é mentira! O cara da locadora viu vocês na rua e disse que a sua *gata* mais parecia a *Bruxa do 71*, aquela do *Chaves*! E tem mais: ele disse que o cabelo dela não era loiro, mas sim branco!

– Mas que exagero! – tive tempo de dizer antes de cairmos novamente nas gargalhadas.

O único que não estava achando graça era Lucas. Continuava sério e calado. Ao perceber isso, Diego também se calou. Sentei-me e fiz sinal para o garçom trazer mais uma cerveja.

– Ok, Lucas. Desculpe. – disse eu – Acho que temos um assunto mais importante do que as minhas conquistas amorosas. Você já contou para o Diego?

– Não. Estava esperando você chegar. – disse ele, num tom solene.
– É sobre aquela história do seu pai? – perguntei.
– Sim. – respondeu ele, bebendo um gole de cerveja.
– Que história? – perguntou Diego – Acho que não estou sabendo.
– Uma história que o meu pai me contou há muito tempo, quando eu ainda era um moleque de 13 ou 14 anos...

– E o que essa história tem de tão especial? – questionou Diego, com grande interesse.

– A princípio nada. Durante anos sempre pensei que fosse apenas um devaneio do meu pai. Ou uma história fantasiosa que ele havia inventado apenas para me assustar.

– E então...? – estimulou o rapaz, com certa impaciência.

– Bem, é que... – Lucas bebeu mais um gole de cerveja, demonstrando desconforto – Como vocês sabem, meu pai morreu há poucos meses, e houve um fato que me deixou realmente muito intrigado.

Lucas olhou para mim e para Diego. Como permanecemos calados, decidiu prosseguir.

– Foi no dia em que ele morreu. – disse Lucas, diminuindo o tom de voz – Eu estava lhe fazendo companhia no hospital. Em dado momento, enquanto agonizava, ele abriu os olhos e me viu na beira da cama, ao seu lado. Então reuniu as poucas forças que ainda lhe restavam e fez um gesto para que eu me aproximasse. Queria dizer algo. Não foi preciso usar de muita inteligência para entender que seriam suas últimas palavras. Mal do jeito que estava, era visível que lhe restavam poucos minutos de vida. E vocês sabem o que ele disse?

– O quê?! – perguntou Diego, debruçando-se sobre a mesa.

– Ele mencionou de novo aquela maldita história. – disse Lucas, de forma que me pareceu um tanto sombria – Vocês entendem o que eu estou dizendo? O cara estava à beira da morte, reuniu suas derradeiras forças para dizer algumas palavras, que seriam suas últimas. Ele poderia ter deixando uma mensagem para a família, se despedido de mim, que estava ali ao seu lado, ter falado em Deus, ou algo do gênero... Mas não. Ele falou novamente sobre aquele estranho fato que ocorreu quando ele ainda morava no Rio Grande do Sul. Acreditem: antes que seus olhos se fechassem para sempre, eu ainda pude ver o medo estampado naquele olhar.

Lucas secou de uma só vez o copo de cerveja que estava em suas mãos. Seu semblante demonstrava um misto de tristeza e perturbação.

– Depois disso, eu comecei a ter pesadelos frequentes... – continuou Lucas
– Às vezes eu via o meu pai no leito do hospital, me olhando com uma cara de pavor e repetindo aquela história. Outras vezes eu próprio me via lá no interior do

Rio Grande do Sul, vivenciando os fatos que ele me narrou. Vocês não imaginam como isso é perturbador.

– Então é por isso que você quer ir até o sul...? – questionei.

– Sim! – disse Lucas, com os olhos cheios de lágrimas – Para ver se acabo com essa angústia! Sinceramente, eu não sei o que pretendo encontrar lá, provavelmente nada, mas eu preciso ir! Sim, preciso ir para ver se consigo voltar a ter paz!

– E você quer que a gente vá junto...

– Sim, eu gostaria muito. Vocês são os meus melhores amigos. Será que poderiam fazer isso por mim?

O silêncio pesou sobre a mesa. Diego me olhava com cara de desconfiado. Lucas nos fitava atentamente, demonstrando grande apreensão.

– Bem, eu posso ir. – disse Diego, rompendo o silêncio – Estou desempregado mesmo. Mas você vai ter que pagar as minhas despesas!

– Isso não é problema! – respondeu Lucas prontamente – E você Rafael, vem também?

– Vou ter que usar alguns dias das minhas férias que eu estava agendando para o final do ano... – disse eu – Mas é claro que eu vou. Sabe que não consigo recusar nada para você.

– Caras, muito obrigado! Muito obrigado mesmo! – exclamou Lucas, sem disfarçar a emoção – Partiremos na próxima semana. Que tal?

– Por mim, tudo bem. – respondi.

– Certo. – disse Diego – Mas você está esquecendo um detalhe: ainda não me contou qual é essa misteriosa história sobre o seu pai.

Lucas retomou o semblante sério, e por um momento pareceu hesitar. Olhou para mim com cara de quem estava em dúvida.

– Tudo bem. – acabou dizendo ele – Como você vai conosco, nada mais justo que esteja por dentro de tudo. Mas é uma longa história...

– Não tem problema. – disse Diego – O bar fica aberto durante toda a noite. E o melhor: amanhã é sábado!

– Pois que seja. – consentiu Lucas – Então vamos lá. Como vocês já sabem, o meu pai é gaúcho e morou até os 28 anos no Rio Grande do Sul, sendo que apenas depois dessa idade é que se mudou aqui para São Paulo. A família era natural de uma cidade chamada Guaíba, e o pai dele era uma espécie bem-sucedida de empresário do ramo de transportes. Possuíam uma pequena frota de três ou quatro caminhões, e os usavam para fazer fretes, transportando os mais variados produtos nas mais diversas regiões do Estado. Meu pai era o mais novo de quatro irmãos, e tão logo completou 18 anos, começou a trabalhar como motorista. Tinha um caminhão só para ele. Naquela época, foi incumbido de transportar madeira de

uma região de difícil acesso, na serra, até Porto Alegre. E quando eu digo difícil acesso, é difícil mesmo: estradas de terra, precárias e esburacadas, quilômetros e quilômetros rodeados apenas por florestas. Geralmente, era preciso viajar horas e horas para se deslocar de um vilarejo até o outro mais próximo. Lembrem-se que eu estou falando do início da década de 1950, quando as coisas eram muito diferentes de agora. O meu pai deveria carregar seu caminhão em um lugarejo que, segundo ele, não possuía mais do que 900 ou 1000 habitantes e chamava-se Nova Aparição...





Tão logo avistou o prédio à direita, Jonas manobrou o caminhão e parou fora da estrada, em um espaço enlameado que, pelas marcas de pneus, aparentava servir de estacionamento. No prédio, totalmente construído em madeira, funcionava um misto de bar, feira, e comércio de artigos dos mais diversos. O rapaz já tinha visto vários desses estabelecimentos espalhados pela região. Em um lugar assim era possível se comprar desde vinhos de ótima qualidade até chinelos confeccionados com couro de boi curtido. Geralmente esses *armazéns*, como eram popularmente conhecidos, desempenhavam a função de ponto de encontro das cercanias em que se localizavam, e eram tão frequentados quanto às *capelas*, pequenas igrejas construídas em madeira, e também muito abundantes em toda a região serrana.

Justamente por isso, Jonas estranhou ao adentrar no recinto e encontrá-lo totalmente deserto, com exceção do proprietário, um homem calvo que ostentava um grande bigode, e que o observava com certa desconfiança por detrás do balcão.

– Boa tarde. – cumprimentou Jonas, aproximando-se do balcão.

– Boa tarde. – respondeu o vendedor, com sotaque carregado. – Em quê posso servi-lo?

– Bem, eu me chamo Jonas Matos. Sou o motorista daquele caminhão ali fora, e estou procurando uma carga de araucárias que foi encomendada pela *Matos Transportadora*.

– Uma carga de pinheiros... – ponderou o vendedor.

– Sim, exatamente. É assim que vocês chamam as araucárias por aqui, não é mesmo? *Pinheiros*.

– É assim mesmo. Vocês encomendaram a carga com quem?

– Obviamente, eu não o conheço, mas meu pai disse que o proprietário se chama Orsoletto. Você conhece?

– Claro. Antônio Orsoletto. Costuma vir sempre aqui. – disse prontamente o vendedor – As terras dele ficam a uns vinte e cinco quilômetros ao sul.

– Puxa, como é longe! – exclamou Jonas. – Eu pensei que ficava próximo ao povoado de Nova Aparição, mas já faz duas horas que eu saí de lá e ainda faltam vinte e cinco quilômetros... É longe mesmo!

– E o pior é que você perdeu a viagem. Terá que voltar amanhã para carregar a sua carga. – disse o vendedor.

– Como assim?! – indagou Jonas, surpreso. – Nós avisamos que eu viria buscar a carga hoje. Amanhã já tenho que estar a caminho de Porto Alegre.

– Provavelmente pensaram que você viria de manhã. Faltam cerca de duas horas para anoitecer. Orsoletto e seus empregados não estarão mais lá.

– Mas disseram para o meu pai que a carga já estava pronta e seria necessário apenas carregar! Em duas horas dá tempo!

– Sinto muito, meu jovem. – disse o vendedor, dando a volta no balcão e se postando bem diante de Jonas. – Você terá que voltar amanhã de manhã.

– Nada disso! – exclamou Jonas, irritado. – Eu vou lá agora. Se foi combinado algo é preciso cumprir. Por favor, você pode me indicar o caminho?

– Escute, rapaz: Orsoletto não mora lá. Ninguém mora naquela região. As pessoas vão até lá, trabalham, e no final do dia voltam para o povoado de Nova Aparição. A essa hora já foi todo mundo embora. Ainda mais em um dia como hoje. – tentou argumentar o comerciante.

– Meu senhor, por favor! Eu apenas gostaria que você me indicasse o caminho. Será que pode fazer isso, ou eu estou lhe pedindo demais?!

– Eu estou dizendo isso para o seu bem, amigo! – exaltou-se o vendedor. – É muito perigoso ir até lá agora!

– Perigoso por quê?! – indagou Jonas, impaciente.

– Existem coisas que as pessoas que são de fora, como você, não entenderiam. E pior: não acreditariam. – disse o comerciante, em um tom tão sinistro, que por um momento Jonas sentiu um leve calafrio lhe percorrer a espinha.

Respirando fundo, o rapaz enfiou a mão no bolso da camisa e tirou dali um maço de notas. Separou algumas e ofereceu ao vendedor, dizendo:

– Certo. Pegue aqui. Acredito que esse dinheiro é suficiente para pagar o melhor produto que você tiver aqui dentro. Será que basta para que você me dê uma simples informação?

O vendedor olhava para Jonas fixamente. Por um momento, o rapaz pôde vislumbrar o ódio no semblante do homem. Jonas era um jovem extremamente alto e encorpado, e os indícios de uma calvície precoce lhe conferiam o aspecto de alguém com mais do que os 26 anos que ele realmente possuía. Além disso, ele era dono de um porte físico que certamente impunha respeito a quem quer que fosse. Provavelmente foi apenas por isso que o vendedor não o expulsou do seu estabelecimento debaixo de pancadas.

– Guarde seu dinheiro, rapaz... – disse o vendedor, em um tom grave – Eu apenas quis lhe dar um conselho para o seu próprio bem. Se você não se preocupa em preservar a própria pele, então o problema é seu!

O comerciante puxou Jonas pelo braço e o conduziu até o lado de fora do recinto. Apontou para a estrada que seguia à direita e disse:

– Siga por esta estrada até encontrar uma encruzilhada e então dobre à esquerda. Continue por mais alguns quilômetros e encontrará uma bifurcação. Nesse lugar você deve tomar o caminho da direita. Uns cinco quilômetros à frente encontrará uma nova encruzilhada, e aí deve dobrar novamente à esquerda. Entendeu bem, rapaz? Esquerda, direita e esquerda. Somente alguém muito estúpido poderia errar o caminho seguindo uma orientação tão simples, não é mesmo?

Jonas entendeu a provocação, mas não quis revidar. Soltou um lacônico *obrigado* e imediatamente virou as costas, seguindo em direção ao caminhão. Estava tão nervoso que se desse vazão à discussão, certamente o final seria na base da pancadaria. Ligou o veículo e saiu acelerando fundo, enchendo o ambiente de uma fumaça enegrecida e fedorenta. Quando passou ao lado do vendedor, ainda pôde ouvir sua voz dizendo *Eu bem que lhe avisei!* Jonas tornou a acelerar com violência, fazendo com que o pneu do caminhão patinasse arremessando lama na direção do comerciante. O homem esbravejou e se afastou, xingando e gesticulando nervosamente.

Quando o caminhão sumiu de vista descendo pela estrada, deixando atrás de si um rastro de fumaça, o vendedor retornou para dentro de seu armazém, mas não sem antes observar com apreensão o sol que começava a se por do outro lado das colinas, e fazer o sinal da cruz.

2

Às vezes por imaturidade, às vezes por arrogância, os jovens tendem a cometer erros banais que acabam custando caro. Jonas não lembrava quem havia dito isso, mas infelizmente naquele momento tal afirmação parecia tragicamente verdadeira. Tanto pior era concluir que ele próprio, além de imaturo, havia se comportado de forma um tanto quanto arrogante. *Somente alguém muito estúpido*

poderia errar o caminho seguindo uma orientação tão simples, dissera o vendedor. Pois bem: ele havia errado o caminho. Por mais que fosse duro ter que admitir isso para si próprio, ele já estava a duas horas circulando por aquelas estradas desertas sem conseguir chegar a lugar algum. Os últimos tons avermelhados do crepúsculo já começavam a abandonar o dia, cedendo lugar à escuridão da noite, quando Jonas freou o caminhão e encostou a cabeça ao volante, desconsolado. Estava perdido.

Ele deveria ter dobrado à esquerda, depois à direita e depois à esquerda novamente. Ou seria direita, esquerda e depois direita? Ele não lembrava. Jonas estava tão nervoso quando deixou o armazém que acabou não prestando a devida atenção nas palavras do vendedor. Agora, tampouco ele se lembrava que direção havia tomado na primeira encruzilhada. E na segunda, e na terceira. A verdade é que, desde que deixara o armazém, estava circulando por estradas enlameadas e desertas, rodeadas apenas pela mata de todos os lados. Não havia cruzado com nenhum veículo no percurso, não avistara sequer uma única pessoa. Apenas a floresta e um silêncio que chegava a ser perturbador.

Ao perceber que avançara ao longo de horas pela estrada desabitada sem nada encontrar, Jonas finalmente se convenceu de que havia errado o caminho. Manobrou o caminhão e começou a voltar em direção ao último entroncamento pelo qual havia passado. É onde ele se encontrava naquele instante, com a cabeça escorada no volante, refletindo desanimadamente sobre qual caminho deveria tomar. Que se danasse Orsoletto e sua madeira. O rapaz já se contentaria em encontrar o rumo de volta para o povoado de Nova Aparição. Mas, mal sabia ele que as surpresas que lhe aguardavam estavam apenas começado.

Ao erguer a cabeça, Jonas sobressaltou-se ao observar através do para-brisa o vulto de um homem que vinha caminhando tranquilamente pela encruzilhada à sua frente. Sem conseguir conter a alegria, o rapaz pulou para fora do caminhão e correu em direção ao sujeito, gritando:

– Olá, Senhor! Amigo, por favor, será que pode me dar uma informação?!

Era um velho. Tinha barba e cabelos grisalhos, que contrastavam com a cor preta do grande chapéu que trazia na cabeça. Tinha baixa estatura, e a barriga proeminente fez Jonas achar graça de seu aspecto, imaginando-o como uma espécie de versão gaúcha do Papai Noel.

– Minha nossa! O que você está fazendo por aqui numa hora dessas?! – perguntou o velho, espantado.

– Estou perdido! Vim para carregar uma carga de madeira de um tal Orsoletto, mas devo ter errado o caminho...

– Orsoletto não está mais lá na propriedade. Já voltou para Nova Aparição.

– Sim, eu acredito. Mas eu voltarei amanhã para fazer o carregamento. Contentaria-me se o senhor pudesse me indicar o caminho para o povoado.

– Claro, não é difícil. Basta seguir aqui pela esquerda. Quando você chegar à outra encruzilhada dobre à direita, e na próxima dobre à esquerda de novo. Não tem como errar, a não ser que...

– A não ser que eu seja muito estúpido, não é mesmo?! – completou Jonas, sorrindo – Claro, é fácil. Eu não vou errar.

– Ótimo. – assentiu o velho – E caso encontre alguém pela estrada, não dê carona, entendeu? Também não é aconselhável descer do caminhão depois que escurecer. O ideal é ir daqui até Nova Aparição sem parar pelo caminho.

– Certo. – concordou Jonas, sem conseguir disfarçar o estranhamento – Obrigado pelas informações.

– Boa sorte. – disse o velho, instantes antes de seguir sua caminhada pela estrada à direita da encruzilhada.

Jonas tornou a embarcar no caminhão, deu partida e ligou os faróis, pois naquele momento o vale já estava completamente encoberto pelas sombras. Seguiu o rumo indicado pelo velho sentindo um misto de alívio e apreensão. Pelo menos ele sabia como voltar ao povoado, e não iria mais esquecer. Mas, por outro lado, as recomendações do velho o deixaram intrigado. *Caso encontre alguém pelo caminho, não dê carona. Também não é aconselhável descer do caminhão depois que escurecer. O ideal é ir daqui até Nova Aparição sem parar pelo caminho.* Por que será? Além disso, esses conselhos enigmáticos também o fizeram lembrar-se das coisas estranhas ditas pelo vendedor, lá no armazém. Por mais que isso pudesse ser apenas conversa boba de caipiras esquisitos, algo o deixava realmente desconfiado. Tanto que abriu o porta-luvas e pegou o revólver que ali estava e o colocou debaixo de seu banco, ao alcance da mão.

Quando Jonas chegou à segunda encruzilhada, a lua cheia já começava a raiar por detrás das colinas, emitindo uma suave luminosidade prateada sobre o vale. Ao fazer a curva na direção indicada pelo velho, os faróis do caminhão iluminaram, por um instante, aquilo que para o rapaz pareceu ser o vulto de um animal se movendo entre os arbustos que costeavam a estrada. Reduziu a velocidade na tentativa de olhar melhor, mas seja lá o que fosse, já havia se afastado. Jonas tornou a acelerar, e no exato momento em que seus olhos se voltaram para a estrada, o caminhão balançou com um forte baque recebido próximo a roda dianteira direita. Assustado, o rapaz quase perdeu o controle do veículo, mas logo se recobrou e em seguida estacionou poucos metros à frente. Olhou pelo retrovisor na esperança de vislumbrar o que havia atropelado, torcendo com todas as suas forças para que fosse apenas uma raposa ou outro animal silvestre qualquer. Não conseguia enxergar nada. De qualquer forma, havia sido um baque muito forte para ser uma simples raposa. Era algo maior. Bem maior. Seria realmente muito azar ter atropelado uma pessoa depois de ter dirigido, por horas e horas, não tendo encontrado ninguém pelo caminho, além daquele velho.

Jonas já se preparava para descer do caminhão quando a lembrança de algo o reteve. *Caso encontre alguém pelo caminho, não dê carona. Também não é aconselhável descer do caminhão depois que escurecer.* Se antes aquelas palavras soaram incômodas aos ouvidos do rapaz, naquele exato momento elas pareciam ecoar em sua mente de forma terrivelmente sinistra. Jonas levou a mão à testa na tentativa de enxugar o suor que a essa altura já lhe ensopava todo o corpo, embora do lado de fora do caminhão fizesse o típico frio das noites do outono gaúcho. Ele estava com medo. Realmente, muito medo. Pensou simplesmente em dar a partida e ir embora sem olhar para trás. Sim, devia ser um guará ou talvez até um veado. Ele iria embora e pronto, não havia nada para fazer ali. Mas, e se fosse realmente uma pessoa? Ou alguma... outra coisa? Impulsivamente, Jonas deu um soco no volante, com grande irritação, passou a mão por debaixo do banco pegando o revólver que ali estava e saltou para fora da boleia.

Na estrada tudo era deserto e silencioso. Um silêncio tão denso que parecia surreal. Jonas contornou a carroceria do caminhão muito lentamente, com o revólver em punho. Poucos metros para trás, podia ver algo significativamente volumoso caído à margem da estrada. *Deus, faça com que seja apenas um animal,* gritava uma voz interna em sua mente. Mas não era. Sob o tênue luar, o rapaz viu o que de fato havia atropelado. Um menino. Tinha uns dez anos, onze talvez, mas não mais do que isso. Estava desacordado e Jonas sobressaltou-se ao ver que ele sangrava bastante através de um corte que tinha na cabeça. Também era visível um

grande hematoma no braço esquerdo, embora não parecesse estar fraturado. Por sorte, o garoto aparentava ter sido atingido pelo para-choque ou talvez pelo para-lama. Se tivesse sido pela roda, provavelmente estaria morto. Jonas botou o revólver na cinta, tirou a blusa e improvisou uma atadura para conter o sangramento na cabeça do garoto. Olhou ao redor na esperança de ver alguém, talvez alguma pessoa que estivesse junto com o menino. Mas não havia ninguém. Nada além daquele silêncio perturbador.

Jonas carregou o garoto até a boleia do caminhão e, após acomodá-lo no banco ao seu lado, deu partida. Mais do que nunca, tinha grande urgência de chegar ao povoado de Nova Aparição. Em seu íntimo, torcia para que houvesse por lá um médico, ou pelo menos alguém com um mínimo de conhecimento em medicina. Não queria nem pensar no que poderia acontecer se o menino acabasse morrendo.

Enquanto dirigia o mais rapidamente possível por aquela sinistra estrada, esburacada e deserta, Jonas seguidamente olhava de forma apreensiva para o garoto inerte no banco ao seu lado. Em um desses momentos, teve a sutil impressão de que a fisionomia do menino estava diferente. Não tinha certeza, mas algo parecia estranho. Provavelmente estivesse mais pálido, devido à perda de sangue. Devia ser isso.

Em dado momento, o rapaz teve que reduzir drasticamente a velocidade do caminhão, pois se encontrava em um trecho onde a estrada estava demasiadamente esburacada. Nesse momento, teve novamente a nítida impressão de ver algo se movendo entre as árvores que costeavam o caminho. Não era possível distinguir exatamente do que se tratava, mas com certeza havia algo ali, como se alguém, ou alguma coisa, estivesse seguindo o veículo por dentro da mata. Assim que a estrada permitiu, Jonas tornou a pisar fundo no acelerador, e instintivamente passou a evitar olhar para os lados. Em seu íntimo, o medo de visualizar mais alguma surpresa desagradável surgindo do meio da floresta o enchia de pavor. Lembrou-se do vendedor, que durante a tarde tentara convencê-lo a não ir até aquele lugar.

– Como eu fui estúpido! – esbravejava – Malditamente estúpido!

Subitamente, a atenção de Jonas foi atraída por um gemido vindo do banco ao seu lado. O garoto continuava desacordado, mas inquieto, tendo estranhos espasmos que, de certa forma, lembravam convulsões. Mas o que fez o sangue do rapaz gelar em suas veias foi à impressão ainda mais forte de que o menino estava mesmo diferente. Sim, estava mudando. Por um instante, Jonas pensou que a sua mente pudesse estar lhe pregando uma peça, devido ao cansaço e a grande tensão a que se encontrava submetido, ou talvez estivesse mesmo a ponto de perder a sua sanidade, mas a verdade é que, naquele instante, seus olhos vislumbravam um garoto modificado em relação àquele que ele havia recolhido há minutos atrás. Seus cabelos pareciam mais escuros e mais longos, e suas orelhas estavam

deformadas, pontiagudas. Tão mais estranho foi constatar que o rosto do menino estava repleto de pelos, que formavam uma inusitada barba, rala e irregular. Por um instante Jonas teve a impressão de ver o maxilar do garoto se deslocar levemente para frente, mas ele não teve como assimilar esse dado, pois um violento baque na parte dianteira do caminhão desviou sua atenção daquela bizarra cena e o pôs novamente com os olhos voltados para a estrada. Dessa vez a pancada havia sido muito mais violenta do que no atropelamento do menino, e o rapaz não conseguiu recobrar o controle do caminhão antes de impedir que ele saísse da estrada e colidisse com uma árvore.

Com o choque da colisão, o garoto rolou de cima do banco e caiu no assoalho do veículo. Por uma fração de segundos, o rapaz ficou em dúvida se devia primeiro ajuntar o menino ou descer do caminhão para ver o que diabos havia atropelado dessa vez. Porém, o grunhido que o garoto emitiu quando Jonas o tocou fez com que a dúvida logo se esvaísse de sua mente. Ele nunca tinha ouvido um som como aquele, mas mesmo assim teve a certeza de que aquilo nada tinha de humano. Pegou a lanterna que se encontrava debaixo do seu assento e saltou do caminhão quase que em pânico. Quando deu por si já estava na estrada, tentando visualizar em que ele havia colidido. Mas não havia nada na estrada. Jonas andou até o ponto onde as marcas dos pneus indicavam que o veículo havia se desgovernado, e não encontrou coisa alguma. Confuso, o rapaz olhou para a lua cheia, que nesse momento já brilhava plenamente em meio a um sinistro céu escuro e anuviado, e fez um esforço para organizar suas ideias e tentar entender o que estava de fato acontecendo.

Foi nesse momento que um urro pavoroso ecoou através do silêncio da noite e fez com que um calafrio lhe percorresse a espinha. Instintivamente, o rapaz sacou o revólver que trazia na cintura e olhou estabranadamente para o local de onde pareceu que havia vindo aquele som horripilante. Era perto. Tão perto que Jonas temeu que tivesse vindo de dentro do próprio caminhão. Lembrou-se das estranhas deformações no rosto do menino, e no instante em que a boleia do caminhão começou a balançar, dando a impressão de que algo muito grande estava se movimentando lá dentro, não teve dúvidas e saiu correndo em disparada pela mesma estrada que havia acabado de percorrer.

O rapaz atravessou algumas dezenas de metros de forma tão apavorada que sequer olhou para trás. Estava com tanto medo que provavelmente correria até o raiar do sol, se um urro ainda mais intenso que o anterior não tivesse ecoado pelo vale, desta vez vindo de algum lugar da mata à sua frente. Foi um som tão tenebroso que fez com que o corpo de Jonas gelasse dos pés a cabeça. Porém, esse último urro, além de ter sido emitido de algum lugar bem mais próximo, passou

para o rapaz a desagradável impressão de ter sido emitido por algo assustadoramente maior.

Sem saber o que fazer, Jonas ficou parado no meio da estrada, ostentando o revólver em uma mão e a lanterna em outra, com a qual iluminava as silhuetas disformes da vegetação. Lágrimas escorriam dos seus olhos e seu coração batia de forma tão avassaladora que parecia que iria lhe saltar pela boca.

Foi nesse momento que algo começou a se mover na mata, vindo claramente em sua direção. Jonas podia ouvir suas pesadas passadas, quebrando galhos das árvores e esmagando folhas no chão. Na medida em que se aproximava, a coisa emitia inquietantes rosnados, que para o rapaz pareciam semelhantes aos de um cão enfurecido. *Mas se isso que está vindo for um cachorro, então deve ser do tamanho de um cavalo*, pensou o rapaz, segundos antes de ter diante de si a visão mais terrificante de sua vida.

Quando os arbustos que costeavam a estrada se dobraram mediante o peso da criatura que forçava passagem por entre os galhos, Jonas viu que, em partes, estava certo. A coisa era realmente do tamanho de um cavalo, mas não era um cão. Afinal de contas, o rapaz sabia que não existiam cães daquele tamanho, e que cachorro algum poderia caminhar apoiado apenas nas patas traseiras, como aquele estava fazendo. Era um monstro. Uma criatura horrenda, cuja anatomia se assemelhava a de um ser humano de proporções descomunais, mas com o corpo completamente recoberto por uma espessa camada de pelos cinzentos, cuja tonalidade se tornava difusa em meio ao luar. A cabeça da criatura era algo tão grotesco que sua imagem passou a atormentar os piores pesadelos de Jonas por toda a sua vida, a partir daquela noite. Parecia a cabeça de um cão, alongada para frente e com orelhas salientes que emergiam do meio dos pelos, mas com uma boca desproporcionalmente grande, repleta de presas longas e afiadas. Diante daquilo, Jonas concluiu que não seria necessária mais do que uma ou duas mordidas para que aquela coisa arrancasse um braço ou uma perna de uma pessoa. E ainda havia aqueles olhos avermelhados, que pareciam brilhar em meio à penumbra da noite. Eram olhos demoníacos, que transpareciam crueldade, e ainda assim traziam algo inexplicavelmente... humano!

O rapaz estava atônito perante aquela visão desconcertante. Sentiu suas pernas fraquejarem e caiu sentado na estrada. Somente conseguiu recobrar a ação no momento em que a criatura já se encontrava a apenas dois passos de distância. O monstro escancarou sua boca descomunal e emitiu um longo e enregelante urro, que parecia deixar transparecer um misto de fúria e excitação. Jonas sentiu no seu rosto o hálito quente da criatura, que vinha acompanhado de um indescritível fedor, forte e repulsivo. Viu a pata do monstro se erguer de encontro ao céu, e teve tempo de reparar que ela se assemelhava a uma mão humana, mas coberta de longos pelos

e unhas grossas em forma de garras. No instante que antecedeu o golpe, Jonas instintivamente rolou para a esquerda, a tempo de ainda sentir o vento causado pelo braço da criatura, que passou centímetros ao seu lado. O monstro rosnou enfurecido e se voltou novamente para o rapaz. Apoiou-se no chão também com as patas dianteiras e permaneceu imóvel por um instante. O rapaz percebeu que a criatura iria saltar sobre ele e procurou levantar-se do chão o mais rapidamente possível. Os acontecimentos seguintes se sucederam numa fração de segundos. No exato momento em que o monstro se precipitou em sua direção, Jonas apertou o gatilho do revólver que ostentava em sua mão direita. O tiro atingiu o pescoço da criatura, que oscilou para o lado emitindo um grito animalesco. A besta levou a pata direita ao ferimento, como se tentando estancar os viscosos esguichos de sangue que dali fluíam. Recuou alguns passos e encarou o rapaz com aqueles olhos que pareciam expressar a essência do ódio e do desejo de matar.

Quando percebeu que a criatura voltaria a investir contra ele, o rapaz teve a certeza de que o próximo tiro deveria ser certo, caso contrário, só um milagre salvaria sua vida. Tentou fazer pontaria da forma mais precisa que a sua mão trêmula lhe permitia. Quando um novo urro rasgou o silêncio da noite, anunciando o derradeiro ataque do monstro que se precipitava em sua direção, Jonas atirou. Dessa vez o tiro atingiu a criatura na cabeça, mas o rapaz logo viu que não foi com a precisão que almejava. Foi um tiro de raspão, que varou o lado esquerdo da cabeça do monstro, fazendo voar tufo de pelos e nacos de carne em meio ao sangue que espirrava. Sem tirar a pata direita do ferimento no pescoço, a besta levou a pata esquerda à cabeça ensanguentada, a ainda fitou Jonas por uma última vez antes de sair correndo pela estrada, apoiada apenas nas patas traseiras e emitindo um uivo agudo e prolongado, tão forte e enregelante que parecia ecoar dentro da cabeça do rapaz.

A essa altura, Jonas estava sentado na estrada embarrada, pois, no intuito de evitar o bote da criatura, havia caído para trás após disparar o segundo tiro. Na sua frente, junto a uma pequena poça de sangue, o rapaz viu algo estranho, mas que em seguida identificou como sendo a orelha do monstro, arrancada pela bala. Jonas se aproximou com um misto de repulsa e mórbida curiosidade e o que viu fez sua mente se encher de pavor. Através de uma grotesca metamorfose, a monstruosa orelha da criatura se contorcia em um movimento repulsivo, até se transformar, dentro de poucos segundos, em uma orelha humana, ensanguentada e parcialmente dilacerada. O rapaz recuou, nauseado e assustado, e ao perceber que o lamento de dor do monstro já se fazia distante, em algum ponto da estrada encoberta pelas sombras, recobrou a lucidez necessária para se levantar e correr de volta ao caminho. Em sua cabeça se misturava um turbilhão de pensamentos e sensações, por vezes tão desconexos que Jonas concluiu que talvez estivesse enlouquecendo.

Contudo, o pensamento no qual ele buscava se concentrar era fugir dali o mais rapidamente possível.

O rapaz chegou ao caminhão ofegante e exausto, e já estava quase se precipitando para dentro da boleia, quando se lembrou do menino e recuou com um sobressalto. Será que ele ainda estaria ali dentro? E se estivesse, será que ainda seria um garoto, ou haveria se convertido em uma criatura horrenda, semelhante àquela que ele havia enfrentado há poucos minutos? Instintivamente, engatilhou o revólver e olhou apreensivamente ao redor. O vale parecia novamente deserto e imerso em um silêncio sinistro. Mesmo tomado por uma sensação de medo quase insuportável, Jonas concluiu que era preciso abrir a porta e olhar para dentro da cabine, rezando para que não houvesse nada, nem ninguém ali. Afinal, o choque com a árvore aparentemente não provocara danos mais sérios no caminhão, e provavelmente ele conseguiria ir embora rodando.

– Caso contrário, já posso me considerar um homem morto! – balbuciou ele, angustiadamente.

Em um gesto decidido, Jonas se precipitou pela porta da cabine com a arma em riste, e no instante seguinte suspirou aliviado ao ver que nada havia ali. Sem perder tempo, sentou-se ao volante, prendeu o revólver à cintura e girou a chave na ignição. Para a alegria do rapaz, o motor pegou já na primeira tentativa. Satisfeito por ver o veículo funcionando, engatou marcha à ré, e conseguiu retornar para a estrada sem maiores dificuldades. O farol direito estava quebrado, mas naquelas circunstâncias, o rapaz concluiu que isso não seria empecilho para impedi-lo de fugir daquele lugar com a máxima urgência. Quando o caminhão começou a se mover para frente, retomando seu curso, Jonas olhou para o retrovisor com desconfiança, temendo ver aquela horrível criatura em seu encalço. Mas não. Lá atrás tudo continuava deserto.

O rapaz acelerou fundo, mas mal havia percorrido alguns metros quando algo surgiu da mata, à esquerda da estrada, e correu de encontro ao caminhão. Era o monstro. Jonas girou o volante para a direita tentando afastar o veículo, mas mesmo assim a criatura conseguiu se projetar de encontro à janela da porta. O rapaz viu, através do vidro, a face terrificante daquela aberração e só então percebeu que não era o mesmo monstro. Possuía as mesmas características bestiais, mas havia algo de vagamente familiar em sua perturbadora fisionomia. Era o menino. Com certeza, era o menino.

Jonas continuava dirigindo e fazendo guinadas bruscas, na tentativa de derrubar o monstro que seguia pendurado na cabine. A criatura urrou e desferiu uma patada de encontro à janela, estilhaçando o vidro e fazendo com que o rapaz tivesse quase que se deitar para o lado no intuito de desviar-se do golpe. Em um lance de grande reflexo, impulsionado pela desesperada necessidade de

sobrevivência, Jonas sacou o revólver da cintura, mesmo de forma desajeitada, e quase o encostou na cabeça de criatura, que nesse momento tentava se projetar para dentro da janela. O rapaz apertou o gatilho e um estrondo ensurdecador ecoou no interior da cabine. Jonas sentiu o sangue do monstro espirrar em seu rosto, e de relance, o viu se desprender do caminhão e tombar para a estrada.

Ao mesmo tempo em que recobrava o controle do veículo, que até então oscilava pela estrada em zigue-zague, o rapaz passou a mão pelo rosto tentando limpar o sangue que tanto o repugnava. Tão mais nauseado ficou ao constatar que toda a cabine estava ensanguentada. Em cima do painel e próximo à janela havia também tufo de pelos e fragmentos de ossos e carne.

Quando dobrou à direita na curva seguinte, Jonas ainda pode ouvir lá atrás o uivo da criatura, que parecia denotar um misto de dor e raiva. Ela ainda estava viva, e permaneceria viva para sempre na mente do rapaz, atormentando suas memórias e habitando os seus mais macabros pesadelos.



IV

DIEGO



1

Diego desembarcou na companhia de Lucas e Rafael no aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, em uma tarde nublada de quinta-feira, pouco depois das 16 horas. Para ele, tudo estava sendo divertido. Agradava-lhe a perspectiva de viajar de avião pela primeira vez, conhecer lugares diferentes, ficar hospedado em bons hotéis, comer e beber à vontade. E o melhor: tudo por conta de Lucas. É claro que, embora não admitissem abertamente, todos estavam um pouco preocupados com a saúde mental do amigo, que passava o tempo todo repetindo a mesma história do suposto confronto do seu pai com os terríveis lobisomens. Mas, em seu íntimo, Diego tinha uma ideia do que iria acontecer, e acreditar em tal possibilidade lhe tranquilizava: o trio iria até o mal-afamado local nas imediações de Nova Aparição, não encontraria absolutamente nada e então Lucas sossegaria, restando-lhe apenas a alternativa de cumprir a promessa feita aos amigos e patrocinar algumas agradáveis noites na serra gaúcha, em meio a bons restaurantes e baladas repletas de lindas mulheres dispostas a flertar com um grupo de paulistas charmosos. Sim, na mente de Diego tudo era extremamente simples.

Ainda nas imediações do aeroporto, Lucas alugou um belo Vectra, e com ele o trio partiu para o Hotel Plaza São Rafael, onde já haviam sido feitas reservas. Ele havia prometido que a viagem seria marcada por todo o conforto e qualidade possível, e estava cumprindo. Depois de conferirem suas acomodações, Lucas convidou os amigos para caminhar um pouco pelo centro da capital gaúcha. Baseando-se pelo endereço existente em um pequeno cartão, ele conduziu os companheiros até um prédio antigo em uma rua bastante movimentada. Pedindo para que Diego e Rafael esperassem, Lucas adentrou no local e, cerca de vinte

minutos depois, retornou sorridente, trazendo consigo um grande estojo de guitarra.

Quando os dois amigos indagaram sobre o porquê de comprar uma guitarra nova em Porto Alegre, Lucas limitou-se a responder que aquela era especial e que ele já tinha feito a encomenda há algum tempo. Também não adiantou eles pedirem para vê-la, pois Lucas disse que era surpresa e que só a mostraria no momento certo. Depois disso, o grupo continuou andando pelas ruas centrais da cidade seguindo na direção oeste, até chegar a um ponto onde tiveram a oportunidade de presenciar o belo pôr do sol nas margens do Rio Guaíba. E por falar em Guaíba, após certificarem-se na recepção do hotel acerca da exata localização da homônima cidade natal do pai de Lucas, combinaram que iriam visitá-la antes de embarcar novamente para São Paulo. Afinal, era bastante próxima e entenderam que não havia por que desperdiçar a oportunidade.

Após o anoitecer, jantaram no restaurante do hotel e, depois de várias cervejas, recolheram-se aos seus quartos tendo combinado que partiriam às 8 horas da manhã seguinte. Tanto Diego quanto Rafael sabiam que Lucas era pontual, de forma que às 8h45min da sexta-feira eles já estavam passando por São Leopoldo e seguindo na direção da região serrana do Estado. Até esse momento, Diego continuava achando tudo muito divertido. Seria impossível para ele pensar em férias de inverno melhores do que aquelas.

2

Quando passava um pouco das 17 horas daquele mesmo dia, Diego já não estava mais achando a viagem tão divertida assim. Foi difícil chegar até Nova Aparição. Logo após o meio-dia, Lucas seguiu a orientação de uma placa e saiu da rodovia asfaltada, adentrando em uma sucessão de estradas de terra estreitas e esburacadas, ladeadas apenas por mata e algumas esporádicas propriedades rurais de pequeno porte. Quando finalmente chegaram à cidadezinha, a primeira impressão que Diego teve foi de que o lugar devia ter crescido muito pouco desde que o pai de Lucas andou por ali, quase 50 anos antes. As pessoas olhavam para eles de forma desconfiada e até mesmo hostil. Quando Lucas perguntava sobre a localização da antiga propriedade de Antônio Orsoletto, todos o encaravam com espanto e em seguida lhe davam as costas. Foi preciso que Lucas pagasse uma significativa soma em dinheiro a um adolescente, que passava por ali de bicicleta, para que ele finalmente fornecesse a indicação do caminho. Contudo, o garoto não deixou de adverti-los, com um forte sotaque interiorano, de que não encontrariam ninguém por lá e que depois que escurecesse não seria aconselhável ficar vagando

por aquelas estradas. Foi inútil tentar arrancar mais informações dele ou de qualquer outro habitante do inóspito lugarejo.

O grupo então seguiu na direção indicada e, conforme avançavam, a estrada ia ficando cada vez pior. Em determinados trechos ela parecia mesmo intransitável e, em uma tentativa de levantar o astral dos amigos, Diego chegou a sugerir que ao invés de um Vectra deveriam ter alugado um trator. Nos bancos da frente, Lucas e Rafael riram brevemente e voltaram a se fechar em seus semblantes sombrios. Naquele final de tarde, a temperatura caía drasticamente e Diego começou a tremer de frio no banco detrás do carro. Estava pronto para pedir a Lucas que ligasse o ar condicionado, quando Rafael interrompeu o pesado silêncio que pairava no interior do veículo, iniciando um intrigante diálogo:

– Sabe, Lucas, eu estive pensando: supondo que toda aquela história contada pelo seu pai seja verdade, o que você espera encontrar? Digo, aquilo ocorreu há quase 50 anos atrás... Será que os tais lobisomens ainda estariam vivos?

– Não sei. – respondeu Lucas, sem tirar os olhos da estrada – Pode ser que alguém os tenha matado. Mas pela reação dos moradores de Nova Aparição, eu seria capaz de apostar que ainda há alguma coisa por aí. Algo que os assusta.

– E se os lobisomens morreram de velhos, ou doentes? – perguntou Diego, numa nova tentativa de introduzir um pouco de descontração ao ambiente.

– Não me parece possível. – respondeu Lucas – Por tudo que andei lendo e vendo em filmes, os lobisomens só podem ser mortos com prata ou através das presas de outro lobisomem.

– E as estacas e crucifixos? – insistiu Diego.

– Ora, por favor! – intrometeu-se Rafael – Até eu sei que isso é para vampiros.

– Eu sempre cogitei duas possibilidades... – continuou Lucas – Ou o meu pai estava meio louco e tudo isso não passou de um delírio fantasioso da sua mente, ou os lobisomens realmente existem e devem estar por aqui. Estou bem mais inclinado a acreditar na segunda hipótese. Pensem na reação dos moradores de Nova Aparição. Por que estariam tão hostis e assustados se não houvesse o que temer?

– Mas então, de acordo com a sua teoria, o *garoto lobisomem* que o seu pai encontrou naquela noite poderia muito bem ser um dos carrancudos senhores pelos quais passamos hoje em Nova Aparição, ou um outro qualquer, certo? – indagou Rafael – Pelas minhas contas, ele já deve estar com mais de 60 anos.

– Provavelmente careca, ou com cabelos brancos! – completou Diego, com um sorriso amarelado.

– Não. Sinceramente, não creio nisso. – disse Lucas, mantendo os olhos atentos nos buracos da estrada. – Quero dizer, é bem provável que em idade ele tenha até mais de 60 anos, mas acredito que fisicamente ele continua sendo um

menino. Raciocinem comigo: se os lobisomens só podem ser mortos por prata ou por outros lobisomens, então eles não podem envelhecer, pois vocês sabem tão bem quanto eu que o envelhecimento nada mais é do que uma lenta trajetória na direção da morte natural. Se eles envelhecessem, então chegaria um ponto em que estariam tão velhos que os seus órgãos se deteriorariam e eles morreriam. Mas não creio que isso seja possível. Além disso, praticamente todas as fontes onde pesquisei dizem que, se uma pessoa é mordida por um lobisomem e sobrevive, então ela própria passa a se transformar em um novo monstro. Por isso acredito que, se aquele menino foi mordido durante a infância, sempre que ele estiver em sua forma humana permanecerá com aspecto infantil até o dia de sua morte, independentemente de quanto tempo isso leve para acontecer.

– Incrível! – exclamou Rafael – Você realmente parece ter lido bastante a respeito de lobisomens.

– Sim. – concordou Lucas – Basicamente, é isso que eu mais tenho feito ultimamente.

Então, aquele silêncio pesado e incômodo pairou novamente no interior do automóvel. Diego temia que, mais cedo ou mais tarde, Rafael acabasse fazendo a pergunta que tanto o amedrontava: *O que vamos fazer se realmente encontrarmos os lobisomens?* Porém, depois daquele breve debate, ele concluiu que tal questionamento não seria feito. Isso porque, assim como o próprio Diego, Rafael também não acreditava nessas histórias de lobisomens, e só havia aceitado acompanhar Lucas nessa viagem por amizade e companheirismo. No lugar dessa pergunta, que certamente geraria mais desconforto, Diego optou por questionar justamente o contrário:

– Lucas, o que acontecerá quando você se convencer de que não vamos encontrar absolutamente nada aqui nestas grotas esquecidas por Deus?

– Então iremos imediatamente para Bento Gonçalves, depois Caxias do Sul, Gramado, Canela e quem sabe até a um lugarzinho sobre o qual andei lendo, chamado Ilópolis. Ou seja: teremos alguns dias muito agradáveis à base de culinária italiana e bons vinhos degustados ao lado de lareiras quentinhas.

– Ótimo! – gritou Diego – E, de preferência, faremos tudo isso em companhia de lindas mocinhas gaúchas e igualmente *quentinhas*!

Nos bancos da frente, os dois amigos riram e assentiram. Então, Diego sentiu novamente uma ponta de entusiasmo e alegria habitando seu interior. Mal sabia ele que essa era a última vez em sua vida que desfrutaria de tal agradável sensação.



MANUELA



1

O Vectra se encontrava parado em uma encruzilhada. Era a terceira pela qual o trio de amigos passava. A mesma onde, há quase 50 anos atrás, o pai de Lucas encontrou o velho que lhe indicou o caminho de volta à Nova Aparição. A diferença é que agora Lucas não queria retornar para a cidade, e nem tampouco ir até a propriedade de Orsoletto – que ele sabia que ficava ao final do caminho da esquerda – e que certamente estaria deserta. Ele queria encontrar algo.

A noite já havia chegado, e com ela o intenso frio típico do inverno da serra gaúcha. Dentro do carro, o grupo de amigos discutia sobre o que deveriam fazer. Rafael sugeria que fossem até a propriedade de Orsoletto, enquanto Lucas insistia que seria inútil. Diego, por sua vez, estava com vontade de voltar. Ele sabia que seria ignorado se desse essa sugestão, de forma que optou por permanecer calado. Enquanto o debate continuava nos bancos da frente, o rapaz olhou fixamente através da janela à sua direita e teve a nítida sensação de ter visto uma luz brilhando ao longe. Quando ele comentou isso com os amigos, Lucas chegou a sair do carro para observar melhor, e logo depois retornou dizendo que Diego tinha razão. Havia luz à distância, na estrada da direita, provavelmente proveniente de uma casa.

– Está vendo? É para lá que nós vamos! – disse Lucas com um sorriso satisfeito, dirigindo-se a Rafael.

O carro seguiu então ao encontro da luz e, dentro de poucos minutos, estavam diante de uma grande casa, totalmente construída em madeira. Aparentava ser muita antiga e seu estado de conservação não era nada bom. A tinta das paredes estava tão descascada que era impossível descobrir de que cor ela havia sido pintada um dia. Algumas janelas estavam com venezianas frouxas e

até vidros quebrados. Em certas paredes, dava para perceber claramente que as tábuas haviam apodrecido e tinham sido substituídas por outras, pregadas de forma desleixada. Através da janela mais próxima da porta, era possível se vislumbrar dois lampiões iluminando o ambiente. Tudo levava a crer que não havia energia elétrica. Para completar o quadro, um cheiro horrível parecia impregnar o ar das redondezas.

– Um belo lugar para ser habitado por lobisomens! – exclamou Rafael, de forma irônica.

– Ou por criadores de porcos! – retrucou Diego, com um sorriso forçado.

Em resposta aos comentários dos amigos, Lucas apenas sorriu e desembarcou do carro empolgadamente. Havia algo de contida satisfação em seu semblante.

– Vamos! Rápido! – disse Lucas, incentivando os amigos a seguirem-no.

– Mas, espere! O que vamos dizer? – indagou Rafael.

– Deixem comigo. Apenas fiquem quietos ou confirmem o que eu digo. – respondeu Lucas.

O trio se aproximou da porta e Lucas bateu de forma decidida. Dentro de poucos segundos, uma mulher apareceu para recebê-los. Na luz difusa dos lampiões, ela aparentava ter pouco mais de 20 anos. Possuía cabelos escuros e lisos, compridos até quase a metade das costas. Sua pele era bastante pálida e seus olhos eram negros. Mesmo não sendo linda, ela parecia atraente os olhos dos três amigos.

– Pois não? – perguntou a moça, com sotaque bastante carregado.

– Boa noite! – respondeu Lucas – Nós somos alunos da USP e estamos aqui no Rio Grande do Sul para fazer uma pesquisa sobre folclore. Temos andado por várias localidades conversando com os moradores interessados em colaborar. Será que você ou alguém de sua família não estaria disposto a contribuir com o nosso estudo?

A mulher permaneceu em silêncio, observando-os atentamente. Sem se esforçar em parecer discreta, observou atentamente os três homens, conferindo-os com olhar ágil dos pés à cabeça. Fitou também o carro por alguns instantes e chegou mesmo a se projetar levemente para fora da porta, no intuito de observar se havia mais alguma movimentação nos arredores. O grupo de amigos já começava a sentir-se incomodado com o frio rigoroso e dar sinais de constrangida apreensão, quando ela finalmente respondeu:

– Tudo bem, podem entrar. Meu nome é Manuela.

– Muito prazer! – disse Lucas apertando a mão da mulher – Eu sou Lucas, este é Rafael e aquele é Diego.

Os dois rapazes cumprimentaram-na com rápidos acenos de cabeça. Puderam, então, verificar que internamente a casa estava mais bem conservada do que do lado de fora. Os móveis eram antigos, mas bem preservados. Apesar da pouca luminosidade, era visível que a casa estava razoavelmente limpa e organizada.

– Está muito frio. – disse Manuela, com sotaque tão forte quanto o dos moradores de Nova Aparição – Vamos nos sentar na cozinha. Próximo ao fogão à lenha é bem mais aconchegante.

Os rapazes concordaram de bom grado e sentaram-se nas cadeiras disponíveis no recinto. Manuela pegou de cima do fogão uma chaleira, com ela encheu de água a cuia de chimarrão e entregou nas mãos de Diego. Meio encabulado, ele agradeceu e começou a bebericar lentamente.

– Peço desculpas pelo cheiro forte. – disse Manuela – É que nós temos um grande chiqueiro ali atrás da casa. Somos criadores de porcos.

– Ah, sem problemas. – apressou-se em responder Lucas. – Em São Paulo sentimos cheiros bem piores.

– Mas, então? Sobre o que querem conversar? – perguntou a mulher.

– Bem, nós já coletamos bastante material sobre Saci-Pererê, sobre Curupira, Mula-Sem-Cabeça... E agora precisamos de informações sobre lobisomens. – disse Lucas.

– Entendo. Sobre lobisomens. – assentiu Manuela, depois de alguns segundos em silêncio – Acho que vieram ao lugar certo. Nessa região são muito comuns histórias sobre lobisomens.

– Sim! Foi isso que os moradores de Nova Aparição nos disseram. – respondeu Lucas – Por isso viemos até aqui.

– Não acredito que alguém em Nova Aparição tenha lhes dito isso. – retrucou secamente Manuela – Eles nunca falam sobre esse assunto.

Um pesado silêncio baixou no recinto. Os três amigos se entreolharam, constrangidos. Então, Manuela levantou-se de sua cadeira, pegou a cuia de chimarrão das mãos de Diego, tornou a enchê-la e entregou para Rafael. Em seguida, falou em tom cordial:

– Bem, de qualquer forma, eu conheço todas as histórias dessa região. Posso lhes contar a mais antiga de todas, se estiverem interessados em ouvir.

– Claro! Fazemos questão! – exclamou Lucas.

– Tudo bem. – disse Manuela – Mas não sei se isso irá contribuir para a pesquisa de vocês, pois, ao contrário do Curupira e das outras bobagens que você citou, o que tenho para lhes contar é tudo verdade.

Os três amigos voltaram a se entreolhar sorrateiramente. Rafael aparenta desconforto, Diego parecia um pouco pálido e não seria difícil supor que ele

estava com medo. Apenas Lucas parecia manter uma perturbadora empolgação.

– Claro. – concordou Lucas – Conte-nos a sua história e depois decidiremos o que fazer com ela.

Enquanto a mulher enchia mais uma vez a cuia do chimarrão, Diego olhou pela janela à sua frente e pôde ver ao longe os primeiros clarões da lua cheia que começava a raiar sutilmente por detrás das árvores. Ele se voltou para Lucas com apreensão, e ficou ainda mais contrariado quando constatou que o amigo havia percebido sua inquietação e sorria ironicamente.

– Sim, é lua cheia. – sussurrou Lucas para Diego – Escolhi essa data de propósito.

2

Depois de encher a cuia de chimarrão com água quente e entregá-la nas mãos de Lucas, Manuela se escorou na janela da cozinha e, fitando a escuridão que imperava do lado de fora, iniciou o seu relato:

– A história que vou lhes contar começa há mais de 60 anos atrás. Havia uma família, composta por um casal de meia-idade e seus três filhos. A filha mais velha tinha 22 anos, o segundo 16 e o caçula tinha 10. Na mesma casa ainda vivia o avô paterno, que tinha se mudado para a companhia do filho e dos netos desde a morte da esposa. Eles moravam a cerca de pouco mais de dois quilômetros daqui, do outro lado do rio, ao norte. Para sobreviver, cultivavam erva-mate e macieiras, além de plantar milho e feijão e criar algumas galinhas, porcos e vacas. Nos sábados faziam filós nas casas dos vizinhos, ainda que os mais próximos morassem a vários quilômetros de distância. Nos domingos iam até a capela para frequentar a missa. Essa era a vida deles e, apesar de simples, posso lhes garantir que eram felizes. Até que um dia tudo mudou. Os pais, o avô e os irmãos estavam na roça, enquanto a filha mais velha estava no poço pegando água para levar aos porcos. Foi então que ela viu, saindo da mata, aquele rapaz desconhecido. Era alto, loiro e com olhos de um azul muito profundo, que pareciam hipnotizar. Estava vestindo roupas que a moça considerou estranhas, pois nunca havia visto ninguém trajado daquela forma. Apesar da grande cicatriz que ele possuía sobre o olho esquerdo, a moça o considerou um rapaz muito, muito bonito. Ele se aproximou sorridente e iniciou uma conversa, dizendo que se chamava Ângelo e que estava andando sem rumo pela região, pois destinava a sua vida a viajar e conhecer lugares e pessoas diferentes. Ela achou graça do curioso sotaque do sujeito e julgou que ele deveria vir de longe, possivelmente de outro país. Mas o que um estrangeiro estaria fazendo naquele rincão isolado da civilização? Na verdade, ela não estava interessada em saber. A moça queria apenas continuar ouvindo as palavras doces de Ângelo, queria que ele continuasse se aproximando

cada vez mais, que a tomasse nos braços e a beijasse. Foi por isso que, quando ele a pegou pela mão e a conduziu em direção a mata, ela foi de bom grado. Apesar da idade, ela nunca havia estado com um homem antes. Quando então as vozes dos irmãos retornando da roça se fizeram ouvir nas proximidades, ela temeu que aquele belo rapaz fugisse para sempre. A moça não entendia exatamente porque ele não podia ficar e se apresentar aos pais dela, mas suas indagações foram deixadas de lado quando, antes de correr para dentro da floresta, Ângelo disse que voltaria durante a noite. Depois disso sobrou apenas a expectativa e uma espécie de *calor* que parecia que iria consumi-la por dentro. Então, quando a noite chegou, e a casa mergulhou no silêncio e na escuridão, ela permaneceu atenta, deitada em sua cama, com a porta do quarto trancada e habitada por uma angustiante sensação de desejo. Quando uma voz vinda do lado de fora da janela chamou-a pelo nome, o seu coração disparou. A voz lhe pareceu bem mais grave e áspera do que aquela lhe dissera palavras tão belas durante a tarde, mas ela sabia que era Ângelo, pois seu curioso sotaque era inconfundível. A moça aproximou-se da janela rapidamente e abriu-a de forma silenciosa. Ficou um pouco espantada ao perceber no rosto do rapaz uma barba rala e disforme que não estava ali algumas horas antes. Também teve a impressão de que seu cabelo estava mais escuro e comprido e havia um brilho estranho em seu olhar. Mas o que mais a impressionou foi o fato de que Ângelo estava completamente nu. O corpo dele se revelou muito mais peludo do que a moça imaginava e o seu órgão sexual balançava de uma maneira que para ela parecia quase hipnótica. O rapaz a tomou nos braços e ajudou-a a descer através da janela. Conduziu-a então até a beira do rio e lá finalmente a beijou. A moça estava tão entorpecida pelo contato dos lábios e da pele nua daquele homem que não sentiu a menor intenção de resistir quando ele começou a despi-la de forma apressada e até mesmo rude. Então, eles rolaram pela relva às margens do rio e ele começou a fazer... *coisas* com ela. Aquela sensação de entorpecimento que a moça sentia aumentou mais e mais e certamente ela nunca poderia saber ao certo quanto tempo permaneceu assim. Essa sensação só começou a se desfazer quando ela sentiu dor. Não como a dor inicial da relação, essa ela havia superado com facilidade, mas sim uma dor mais aguda, como se os dedos do rapaz a estivessem apertando com uma força descomunal. Ela abriu os olhos e diante de si não viu mais o rosto de Ângelo, mas sim o de alguma outra coisa. Com horror, ela constatou o que parecia ser uma monstruosa cabeça de cachorro, cujas orelhas e presas continuavam crescendo. Mas havia algo de inconfundível naquela face monstruosa, e então ela entendeu que aquele era mesmo Ângelo. Entendeu que *aquilo* era Ângelo. Os braços da moça sangravam na medida em que as garras do monstro apertavam-na de forma cada vez mais forte, e no momento em que ela começou a gritar, de medo e de

repulsa, a criatura cravou aquelas enormes presas em seu ombro, fazendo com que os gritos dela ganhassem novo impulso e se tornassem desesperados pedidos de socorro. Nos instantes seguintes, ela ainda pôde ouvir o som dos tiros disparados pelas espingardas do pai e do avô afugentando a coisa, bem como o urro de ódio emitido por ela ao se embrenhar na mata. Essa foi a última lembrança que ela guardou de Ângelo. Nunca mais o viu ou teve notícias dele. Na tarde seguinte, quando a moça despertou em seu quarto, a enorme ferida em seu ombro já estava praticamente cicatrizada e, ao invés de sentir-se fraca e moribunda, ela sentiu-se extremamente viva e... *faminta*. Eis a origem do primeiro lobisomem que passou a infernizar esse lugar maldito.

3

Manuela então cruzou os braços e, ainda recostada na janela, passou novamente a encarar cada um dos visitantes com olhares ágeis e provocativos, como se quisesse checar a forma com que seu relato estava repercutindo em cada um deles. Diego parecia ainda mais pálido do que antes, e permanecia olhando para a mulher com ar estupefato. Certamente, estava muito confuso e um tanto assustado. Rafael alternava nervosamente olhares para Manuela e para Lucas, como se estivesse esperando a reação do amigo para saber como se portar. Lucas, por sua vez, permanecia com a cuia de chimarrão na mão, mesmo que ela já estivesse vazia há muito tempo. Ele olhava fixamente para Manuela com olhos arregalados e um enorme sorriso nos lábios. Rafael estava começando a achar que havia algo de insano no semblante do amigo.

– Ótima história! – disse Lucas, ainda sorrindo de forma provocativa – Confesso que estou impressionado com a eloquência do seu relato. Agora, contem-nos como é que você sabe todos esses minuciosos detalhes de um fato que se passou há mais de 60 anos atrás.

Como resposta, Manuela deu dois passos na direção do centro do recinto. Como se fosse uma coreografia previamente ensaiada, os três homens reclinaram-se para frente na expectativa de vislumbrar melhor aquilo que a mulher iria lhes mostrar. Então, ela afastou para o lado a parte superior da blusa, revelando uma enorme e disforme cicatriz que se estendia da base do pescoço até o final do ombro direito.

– Eu sabia! Eu sabia! Era você! – gritou Lucas, levantando-se da cadeira e rindo com grande empolgação.

Os dois amigos imitaram seu gesto e também se postaram de pé. Porém, nenhum deles compartilhava da doentia empolgação de Lucas.

– Isso não faz sentido! Não é possível! – dizia Rafael, com visível perturbação.

– Vamos dar o fora daqui! Vamos embora! Rápido! – gritava Diego, agitando os braços impacientemente.

– Esperem! Esperem! – dizia Lucas, sempre sorridente – Eu quero ouvir o resto da história! Conte-nos, Manuela! Conte-nos o que aconteceu depois!

– Bem, o que aconteceu depois não foi muito agradável. – respondeu calmamente Manuela, que até então permanecia impassível – Na primeira noite em que me transformei, acabei devorando a minha mãe e o meu pai. Vovô e os meus irmãos só conseguiram fugir porque se esconderam no teto da casa. Mas, você sabe, existem coisas que simplesmente não se pode evitar... Não tardou para que eu acabasse por transformá-los em lobisomens também.

– Lucas, vamos embora! Vamos embora, cara! – continuava gritando Diego.

– E o que aconteceu com eles? – perguntou Lucas para Manuela, ignorando os pedidos de Diego.

– O meu irmão do meio foi morto pelos moradores de Nova Aparição há várias décadas atrás. – respondeu Manuela – Vovô e o meu irmão caçula ainda estão comigo.

– Vamos embora daqui! – gritou Diego, tentando puxar Lucas pelo braço.

– Mas e depois? – insistiu Lucas com Manuela, se desvencilhando de Diego com um safanão – Como vocês têm vivido por todo esse tempo?

– No início, houve muito derramamento de sangue. – respondeu Manuela – Dentro de poucos meses, quase não havia mais vizinhos vivos para contar a história, e os que sobreviveram fugiram para longe ou se concentraram no povoado de Nova Aparição. Aliás, você já consegue imaginar o porquê da cidade ter esse nome, não é mesmo?

Nesse momento, Lucas percebeu que a lua cheia já estava inteiramente visível através da janela. Diego levava as mãos à cabeça e andava de um lado para o outro, impacientemente. Rafael permanecia em silêncio, embora seu semblante deixasse transparecer grande apreensão.

– Continue! Continue! – estimulava Lucas, com grande excitação.

– Então, depois que o meu irmão foi morto, entendemos que seria melhor para todos que nos mantivéssemos longe dos habitantes de Nova Aparição. – prosseguiu Manuela – Nós não vamos até lá e eles não vêm até aqui. Essa foi a coisa certa a se fazer. Até porque, uma vez o meu irmão caçula e o vovô também foram bastante feridos, o que me deixou preocupada. Eles são tudo que eu tenho. Por isso, na maior parte do tempo têm sido os porcos que saciam nossa fome e nossa sede de sangue.

– Mas, se eventualmente algum incauto desavisado tiver o azar de aparecer por aqui em uma noite de lua cheia, então a dieta de vocês ganha um suplemento à base de carne humana, não é mesmo? – disse Lucas, sorrindo de forma irônica.

Em resposta, Manuela sorriu de volta de forma provocativa, e ao fazer isso, deixou à mostra as presas enormes que começavam a ganhar forma em sua boca. Os três amigos sobressaltaram-se diante dessa visão. Diego, que já estava apavorado, deixou-se tomar pelo pânico e precipitou-se pela porta da cozinha. Provavelmente teria saído correndo estrada a fora desesperadamente se não tivesse dado de cara com um homem que vinha chegando naquele exato momento. O rapaz, então, retornou para dentro da cozinha e o outro indivíduo entrou logo depois dele. Era um sujeito gordo, de barba e cabelos grisalhos.

– Mas que bela surpresa! – disse ele, com uma voz que era ao mesmo tempo sussurrada e áspera, como se alguma lesão nas cordas vocais o impedisse de se expressar melhor.

Em resposta ao comentário do velho, Manuela soltou uma gargalhada gutural. Agora, além das grandes presas, o seu rosto já ostentava pelos longos e esparsos. Além disso, era perceptível aos olhos do trio de amigos que o seu maxilar estava lentamente se deslocando para frente e suas orelhas estavam adquirindo um aspecto alongado e pontiagudo. Manuela andou lentamente até a parede que dividia a sala de estar da cozinha e se postou diante de um grande espelho, como se fizesse questão de vislumbrar a transformação que se processava em seu próprio corpo. Diante dessa visão terrificante, Diego começou a chorar e, na impossibilidade de sair pela porta da frente, obstruída pelo velho, se precipitou através de um corredor que levava aos aposentos internos da casa, em busca de outra saída. Rafael recostou-se na parede mais próxima, incapaz de esboçar qualquer outra reação. Lucas permanecia parado no centro do aposento, como se estivesse maravilhado ao presenciar aquela insólita metamorfose.

– Que bela surpresa! – repetiu de forma rouca o recém-chegado, descalçando as botas calmamente – Eu já andava enjoado de tanta carne de porco.

Em seguida, o velho tirou o chapéu e começou a desabotoar a camisa. Foi nesse momento que Lucas percebeu que ele não tinha uma orelha, o que confirmava suas suspeitas.

– Surpresa?! – gritou Lucas – Pois saibam que as surpresas estão apenas começando! Eu sei muito mais do que vocês imaginam! Eu sei que esse velho escroto perdeu uma orelha e um pedaço da garganta ao ser baleado por um caminhoneiro!

Ao ouvir essa frase, os olhos do velho se arregalaram, sua mandíbula se distendeu e seu rosto começou a ganhar feições lupinas. Suas mãos estavam se

convertendo em garras e uma espessa camada de pelos cinzentos começou a brotar de todos os poros de seu corpo.

– Quer saber de mais uma coisa, sua cadela sarnenta?! – gritou Lucas para Manuela, que nesse momento já estava nua e num estágio de metamorfose mais adiantado do que o velho – Eu garanto que o seu irmãozinho deve ter um rosto nada bonito! E sabe por quê?! Porque foi o meu pai que arrebentou a cara dele com um tiro! Foi o meu pai que arrancou a orelha desse velho nojento!

Nesse momento, tanto o velho quanto Manuela emitiram urros horrendos e ensurdecedores, que evidenciavam uma fúria descomunal. Rafael tapou os ouvidos com as mãos e se agachou junto à parede, apavorado. Lucas se viu diante de dois monstros enormes, cujas colunas vertebrais haviam se distendido a ponto de lhes conferir cerca de dois metros de altura. Eles começaram a andar lentamente em sua direção.

– Vocês gostam de surpresas, não é mesmo?! – vociferou Lucas – Pois eu tenho mais uma para vocês!

Sem titubear, o rapaz sacou um revólver de um bolso interno do casaco. O monstro que antes estivera sob a forma de Manuela observou-o com olhos tão brilhantes que pareciam flamejar e, instantes antes de completar a metamorfose, ainda conseguiu pronunciar uma última frase através um fiapo de voz com tom cavernoso:

– Isso não terá o efeito que você pensa!

– É mesmo?! – retrucou Lucas – E se eu disser que essa arma está carregada com balas de prata?

Subitamente, o outro lobisomem precipitou-se na direção de Lucas. Ele mal teve tempo de dar um passo para trás e apontar a arma na direção do monstro, que esticava um braço na clara intenção de lhe agarrar pelo pescoço. Em uma fração de segundos, ele disparou três vezes à queima roupa, atingindo a criatura no peito. Com um urro que pareceu ressoar como um trovão, o monstro caiu ao chão derrubando consigo a mesa e algumas cadeiras. Tão logo se estatelou no assoalho, o corpo da criatura começou rapidamente a mudar de volta para sua forma humana.

Nesse meio tempo, Rafael permanecia agachado junto à parede, de olhos fechados e tapando os ouvidos com as mãos, visivelmente apavorado. O lobisomem que antes fora Manuela ficou imóvel, parecendo estar incrédulo ao vislumbrar o corpo do velho inerte em meio a uma poça de sangue. Lucas então girou seu corpo, apontando a arma na direção do monstro remanescente, mas este, com uma agilidade espantosa, saltou para a direita, fazendo com que o tiro disparado pelo rapaz encontrasse apenas a parede. Lucas disparou novamente,

dessa vez atingindo a criatura nas costas, praticamente ao mesmo tempo em que ela se precipitou através da janela, fazendo voar pelo ar centenas de estilhaços.

Quando correu até a janela, Lucas pode ver sob a pálida luminosidade do luar o monstro se embrenhando na mata que havia poucos metros à frente da casa. Ele disparou mais uma vez, mas imediatamente percebeu que tinha errado o tiro. Instintivamente, apertou o gatilho mais duas ou três vezes, mas foi inútil. Havia acabado a munição e o lobisomem já tinha desaparecido em meio à escuridão da floresta.

Lucas largou a arma descarregada e então voltou suas atenções para o outro lado do aposento. Lá estava Rafael, deitado no chão em posição fetal. Parecia em estado de choque. Lucas correu em sua direção e começou a chacoalhá-lo.

– Rafael! Rafael! – chamava Lucas – Você viu?! Era verdade! Era tudo verdade!

Aos poucos, Rafael parecia estar se situando novamente.

– Veja! – disse Lucas, apontando para o cadáver do velho estendido no chão – Eu matei um deles e feri outro! Mas você precisar *se ligar*! Está entendendo?! Precisamos ficar atentos se quisermos continuar vivos, pois ainda faltam muitas horas até o amanhecer.

– Certo. Certo. – dizia Rafael, levantando-se ainda meio sem jeito, com os olhos cheios de lágrimas – Mas, onde está o Diego?

Diego. Na tensão do confronto com os monstros, Lucas havia se esquecido dele por completo. Lembrava de tê-lo visto correndo para o interior da casa. Mas onde estaria agora?



VI

IRMÃOS



1

Quando viu aquela bela mulher se transformando em um monstro asqueroso, Diego entendeu que isso era demais para a sua cabeça. No momento em que o velho medonho apareceu, ele decidiu então que só o que importava era fugir o quanto antes possível. Se Lucas estava ficando louco e Rafael queria acompanhá-lo em sua loucura, azar o deles. Por sua vez, ele iria tentar salvar a própria pele e tudo o que podia fazer era desejar que os outros fizessem o mesmo.

A primeira porta que ele tentou abrir ao entrar no corredor estava trancada e a segunda também, mas a terceira estava aberta. Diego adentrou em um pequeno e malcheiroso quarto, mobiliado apenas com uma cama e um guarda-roupa que aparentava ser muito antigo. O rapaz levou então um grande susto ao ver, através da tênue luz do luar que entrava pela janela, que havia um menino deitado na cama. Era difícil estimar a idade dele, pois o seu rosto era grotescamente deformado. Ele não tinha nem o olho e nem a orelha do lado direito da cabeça, seu nariz estava repuxado para a esquerda e sua boca estava dilacerada na extremidade direita, deixando a mostra parte da arcada dentária que deveria estar oculta por um pedaço ausente da bochecha. Com seu único olho, o bizarro menino observava o recém-chegado atentamente. Pela posição em que o garoto se encontrava na cama, Diego deduziu que ele possuiu alguma atrofia ou lesão nos membros que o impedia de se levantar, mas, de qualquer forma, não seria bom permanecer ali, pois certamente se tratava de um lobisomem como os outros e, se desse jeito o seu aspecto já era medonho e repulsivo, nem seria bom imaginar como ele ficaria coberto de pelos e com presas afiadas.

Diego se aproximou da janela do quarto e se enfureceu ao ver que seria impossível sair por ali, pois constatou que a parte de trás da casa ficava em um

declive e para chegar ao solo por aquele lado seria preciso saltar de uma altura de cinco ou seis metros. Decidiu, então, voltar para o corredor e tentar melhor sorte em outro aposento. Quando saiu do quarto, pôde ouvir com clareza os urros dos monstros vindos da cozinha e a voz de Lucas esbravejando algo para eles. Isso fez com que ele se apressasse ainda mais em conferir todas as portas restantes do corredor. Apenas duas estavam destrancadas. A primeira levava a um banheiro cuja janela era pequena demais para permitir uma fuga. A outra dava para um quarto cuja mobília era tão antiga quanto a do anterior, e para o desânimo do rapaz a janela parecia estar a uma altura do solo ainda maior do que aquela do aposento do menino deformado. Ocorreu-lhe, então, que o melhor a fazer seria voltar ao primeiro quarto e saltar por aquela janela, pois o impacto com o solo seria menor.

Quando voltou ao corredor, Diego viu a escada que levava ao segundo andar da casa, mas entendeu que, se já era difícil sair por uma janela do primeiro piso, lá no segundo as coisas seriam ainda mais complicadas. A ideia de se esconder em algum outro cômodo ou mesmo tentar chegar ao teto da casa nem lhe passou pela cabeça. Ele queria mesmo era correr para longe daquele lugar maldito.

No instante em que um novo urro ensurdecador voltou a ecoar na cozinha, Diego sobressaltou-se a tal ponto que praticamente se atirou para dentro do quarto do menino deformado. Ele correu até a janela e, enquanto se esforçava para erguer o vidro fixado em uma pesada armação de madeira, espiou brevemente na direção da cama e sentiu o seu sangue gelar ao constatar que não havia mais ninguém deitado ali. Subitamente, algo similar a uma mão saiu das sombras próximas ao guarda-roupa e agarrou-o pelo ombro. O rapaz sentiu a dor lancinante das garras perfurando sua carne, mas antes mesmo que pudesse gritar, foi arremessado com uma força colossal para o outro lado do quarto. Ele bateu com a cabeça na parede e aterrissou sobre a cama, que se desmontou sob o seu peso. Quando ele abriu os olhos, zozzo e desorientado, teve diante de si a visão aterradora de um enorme monstro de face deformada, fitando-o com um único olho cujo brilho cruel parecia refletir o fogo do próprio inferno.

Diego queria se levantar, mas seus reflexos não responderam com a velocidade necessária e a besta o agarrou pelos cabelos e torceu seu pescoço para o lado. Em seguida, a criatura mergulhou suas enormes presas na garganta do rapaz e dilacerou sua carótida com uma violenta mordida, que fez esguichar sangue nos lençóis da cama e na parede mais próxima. Antes de perder completamente a consciência, Diego ainda pôde ouvir o que lhe pareceu ser sons de tiros e urros de dor vindos da cozinha. Depois, apenas a escuridão.

Contudo, o monstro caolho também tinha ouvido os tiros e os urros. Com a boca escorrendo sangue, ele levantou a cabeça para o alto e farejou o ar com seu fuço deformado. Sentiu, então, cheiro de pólvora e sangue. Não era o cheiro óbvio de sangue humano, como o da vítima que ele tinha diante de si, mas sim o cheiro de sangue de um semelhante, e isso representava perigo. Ele gostaria de se alimentar, mas naquele instante o seu instinto de sobrevivência prevalecia. Rapidamente, a criatura largou o corpo de Diego e saltou pela janela. Uma vez do lado de fora da casa, ele farejou o ar novamente e, de forma trôpega e desengonçada, correu para a mata.

2

– Encontrei Diego lá dentro, em um quarto. Ele está morto. – disse Lucas, retornando para a cozinha onde estava Rafael – Ele deve ter sido atacado pelo tal menino lobisomem.

– Meu Deus! Meu Deus! – dizia Rafael, levando as mãos ao rosto e andando nervosamente em círculos – E agora, o que vamos fazer?

– Me ajude a pegar o corpo dele e levar até o porta-malas do carro. Vamos! – instigou Lucas.

Quando adentraram no quarto, Rafael ficou chocado ao ver o corpo de Diego banhado em sangue. Lágrimas começaram a verter de seus olhos.

– Cristo! Eu o conhecia desde criança! O que vou dizer para a mãe dele?! – indagava Rafael.

– Pare de pensar nisso! – retrucou Lucas – Como você acha que eu me sinto sabendo que fui eu quem o envolveu nessa história?! Mas agora tudo em que devemos pensar é em salvar a nós mesmos. Afinal, logo aquelas coisas vão voltar. Pode ter certeza.

Mesmo chocado, Rafael então se calou e ajudou Lucas a conduzir o corpo de Diego até o lado de fora da casa. Porém, quando chegaram ao carro tiveram uma desagradável surpresa. O volante do veículo havia sido arrancado e os dois pneus dianteiros estavam dilacerados.

– Que merda! – gritou Rafael – Como iremos embora sem o carro?

– Se não podemos partir, então vamos fazer com que eles partam. – respondeu Lucas, de maneira confiante. – Vamos deixar o corpo do Diego aqui até eu abrir o porta-malas.

Com um sorriso de satisfação nos lábios, Lucas retirou da parte detrás do carro um grande estojo de guitarra.

– Ah, que bela ideia! – esbravejou Rafael, irritado. – Você vai bater neles com a guitarra ou vai tocar um solo tão ruim a ponto de espantá-los?!

– E quem disse que aqui dentro tem uma guitarra? – retrucou Lucas, ainda sorrindo.

Rapidamente ele abriu o estojo, revelando ao amigo o verdadeiro conteúdo de seu interior: um rifle. Em menos de um minuto, Lucas montou a arma, encaixando todas as suas partes e carregando-a com balas de prata que retirou de uma pequena caixa de papelão. Dentro do estojo de guitarra também havia um reluzente punhal que Lucas desembainhou para mostrar a Rafael.

– Veja! É de prata. Segure com você. – disse Lucas, oferecendo a arma ao amigo.

– Não! É melhor que fique com você. Eu não tenho a mínima habilidade para manusear essas coisas. – respondeu Rafael.

– Mas isso pode lhe proteger! – insistiu Lucas.

– Acho que enquanto estiver ao seu lado estarei protegido. – finalizou Rafael.

Mesmo contrariado, Lucas prendeu a bainha do punhal na cinta, sob o casaco. Depois, espalhou pelos bolsos os projéteis sobressalentes do rifle e pediu a ajuda de Rafael para colocar o corpo de Diego no porta-malas. Em seguida, os dois dirigiram-se novamente para o interior da casa.

– Incrível que você tenha pensado em tudo isso. – disse Rafael, apontando para o rifle nas mãos de Lucas.

– Um homem prevenido se mantém vivo por mais tempo, não é mesmo? – retrucou Lucas, com aquele sorriso doentio que insistia em não lhe sair dos lábios.

Os dois amigos estavam sentados ao redor do fogão à lenha. Fazia muito frio e aquele lugar da cozinha parecia ser o único capaz de amenizar a tremedeira que insistia em fustigar o corpo de Rafael. A dupla permanecia a maior parte do tempo em silêncio, e por mais de uma vez Lucas percebeu que lágrimas brotavam dos olhos do amigo. Por sua vez, os seus próprios olhos teimavam em fitar a todo instante as manchas de sangue deixadas pelo corpo do velho lobisomem no assoalho. Eles tinham arrastado o corpo daquele ser maldito para fora, mas as marcas de seu sangue permaneciam ali, testemunhando que o pesadelo ainda não havia terminado.

Lucas olhou pela vigésima vez para o relógio em seu pulso, e ao constatar que já passava das 5 horas da manhã, pôs-se a andar nervosamente de um lado para o outro da cozinha, com o rifle em mãos.

– Em menos de uma hora vai começar a amanhecer. – disse Lucas – Aqueles monstros estão ficando sem tempo. Logo eles virão.

– Será que não foram embora? – questionou Rafael.

– Embora para onde? – retrucou Lucas – O lugar deles é aqui. Nós é que somos os invasores. Além disso, nós matamos o *vovô lobão*, e eu tenho certeza que aquelas coisas preferem morrer tentando se vingar do que nos deixar impunes.

– Então por que ainda não voltaram?

– Porque sabem que estamos armados com prata, e isso os assusta. Provavelmente passaram todas essas horas esperando para ver se conseguiam nos pegar na base do cansaço. Bastaria termos adormecido por alguns poucos instantes para que eles entrassem aqui e rasgassem nossas gargantas.

– Mas daqui a pouco vai amanhecer e eles voltarão à forma humana. Com isso poderíamos fugir ou enfrentá-los com muito mais facilidade.

– Exatamente. Por isso, acho que eles não nos darão essa oportunidade. Com certeza vão aparecer.

Os dois amigos voltaram a ficar em silêncio por mais alguns momentos que pareceram uma eternidade. Rafael, então, se levantou e também começou a andar pelo aposento, com ar pensativo.

– Sabe no que eu estava pensando, Lucas? Se nós sairmos dessa, a primeira coisa que irei fazer quando voltarmos para São Paulo é falar com a Alessandra...

– Cristo! – exclamou Lucas, com visível irritação – Nós aqui, entre a vida e a morte, e você consegue ter o capricho de ficar pensando em uma ex-namorada?!

– Mas são justamente situações como essas que nos fazem refletir. – respondeu Rafael – É quando nossa vida corre perigo que percebemos o quanto poderíamos fazê-la valer à pena. Mas é claro que isso só ocorre com pessoas sensíveis e não com malucos obstinados como você!

– Ora, faça-me o favor! – gritou Lucas, ainda mais irritado – Poupe-me do seu sentimentalismo cafona e da sua filosofia barata!

– Pois bem! – respondeu Rafael, andando distraidamente em direção à janela – Eu quero ver o que você vai fazer quando sairmos daqui! Irá se internar em um hospício?! Pois eu lhe digo o que farei: irei correr atrás da minha felicidade!

– Rafael, afaste-se da janela... – disse Lucas, com apreensão ao perceber para onde o amigo se dirigia.

– Tentarei ser feliz ao lado da mulher que eu amo! – continuou Rafael, ignorando a advertência de Lucas.

Nesse momento, um urro apavorante ecoou no recinto exatamente no mesmo instante em que braços peludos e enormes entraram através da janela, que se estilhaçava, e agarram Rafael pela gola do casaco. Um segundo depois, o rapaz foi puxado para fora e arremessado de bruços no chão poeirento do terreno em frente a casa. Imediatamente, o lobisomem saltou sobre ele, rosnando de forma aterradora. Após um breve instante de hesitação, Lucas correu até a janela e se posicionou, tentando mirar com seu rifle na cabeça do monstro que atacava o amigo. Contudo, um ruído sutil vindo do lado de fora da janela, à direita, fez com que ele desse um passo para trás, desviando-se no exato momento em que o outro lobisomem desferiu um bote em sua direção. Sobressaltado, Lucas chegou a derrubar a arma no chão, mas, enquanto a besta se projetava para dentro da janela, ele rapidamente ajuntou o rifle, fez pontaria e disparou. O tiro atingiu o peito do monstro, que emitiu um uivo longo e agonizante, ao mesmo tempo em que trombou de encontro a um pilar de madeira da varanda, fazendo-o ceder. Antes que a criatura pudesse esboçar qualquer reação, Lucas se posicionou novamente na janela e disparou mais um tiro que a atingiu na cabeça, despedaçando seu crânio e fazendo voar pelos ares fragmentos de ossos, miolos e sangue. Tão logo o corpo do monstro ficou inerte no chão, teve início uma metamorfose que rapidamente trouxe-lhe de volta à aparência de Manuela.

– Agora te peguei, sua cadela sarnenta! – exclamou Lucas, em meio a um riso de satisfação.

Foi apenas nesse momento que os gritos de Rafael voltaram a chamar a atenção de Lucas. Ele saltou com o rifle em mãos através da janela estilhaçada e, uma vez do lado de fora, ainda teve tempo de ver entre as árvores o vulto

monstruoso do lobisomem que se embrenhava na mata, arrastando Rafael pelas pernas atrás de si.

– Deveria ter aceitado ficar com o punhal, Rafael! – resmungou Lucas, apreensivamente.

Naquela hora, os tons suaves da aurora já começavam a despontar lentamente por detrás dos morros e Lucas julgou que haveria visibilidade suficiente para que ele perseguisse o monstro pela floresta, no intuito de resgatar o amigo. Porém, uma vez embrenhado na mata, ele constatou que a vegetação era bastante densa, o que certamente dificultaria a perseguição. Logo ele percebeu que teria que se guiar muito mais pelos gritos desesperados de Rafael do que propriamente pela capacidade de vislumbrar a criatura e sua presa.

Em determinado instante, os gritos do amigo se tornaram ainda mais lancinantes e agudos, e quando Lucas investiu na direção de onde eles vinham encontrou no chão um pé humano decepado e ensanguentado. *Ok, ele perdeu um pé... Isso é horrível, mas ele ainda pode sobreviver... Muitas pessoas vivem sem um dos membros*, pensou Lucas, enquanto seguia o rastro de sangue que manchava de vermelho o verde da vegetação. Em seguida, um novo grito de angústia ecoou pela mata, acompanhado de um urro horrendo, e a partir de então Lucas não ouviu mais a voz do amigo. Logo adiante, encontrou em meio a uma poça de sangue uma grande quantidade de uma massa escura e disforme, que ele julgou serem intestinos humanos. Ciente de que havia poucas chances de poder fazer algo por Rafael, Lucas apertou ainda mais o passo com a esperança de, pelo menos, poder dar cabo da besta que destroçara seus dois amigos.

Quando chegou a uma pequena clareira, Lucas encontrou o corpo de Rafael. Além do pé esquerdo, faltavam-lhe também alguns dedos da mão direita. Seu ventre estava aberto, deixando à mostra os órgãos internos parcialmente dilacerados, e sua face estava horivelmente descarnada, fazendo com que ficassem expostos os dentes e os ossos do maxilar. Chocado, Lucas permaneceu alguns instantes paralisado, observando o cadáver do amigo, quando então escutou o som de folhas amassadas e galhos partidos vindo detrás das árvores à sua esquerda. Ele mal teve tempo de se virar, quando foi atingido por uma violenta patada que o arremessou de encontro a uns arbustos no centro da clareira. Com o impacto, o rifle voou de suas mãos e foi parar a cerca de três metros de distância. Lucas olhou rapidamente para o próprio peito e viu sua blusa rasgada em quatro tiras diagonais, que deixavam expostos os cortes provocados pelas garras do monstro em sua pele. O sangue já começava a fluir dos ferimentos. *Graças a Deus que não foi uma mordida*, pensou o rapaz, enquanto observava o lobisomem andando rapidamente em sua direção, fitando-o com um único olho brilhante e ameaçador.

Lucas sabia que devia agir rápido, pois dentro de poucos segundos o monstro estaria sobre ele. O rifle estava muito distante e seria impossível levantar do chão e correr até ele antes de ser agarrado pela besta. Restava o punhal. Rapidamente, ele sacou da cinta a afiada e reluzente lâmina e, tentando conter o nervosismo, aguardou o momento certo de desferir o golpe que poderia salvar a sua vida. Quando a criatura estava tão próxima ao ponto de Lucas poder sentir em seu rosto o fétido bafo que ela exalava, ele entendeu que era a hora derradeira. No exato momento em que o lobisomem ergueu sua pata para o ar, preparando o golpe decisivo, Lucas se projetou para frente e cravou profundamente o punhal no ventre da criatura. Com um urro tão avassalador que obrigou o rapaz a cobrir instintivamente os ouvidos com as mãos, a fera recuou cambaleante e em seguida correu tropegamente para dentro da mata, apoiada apenas nas patas traseiras, enquanto tentava desesperadamente arrancar o punhal de seu corpo com os membros anteriores.

Tentando recuperar o fôlego, Lucas permaneceu por um breve momento sentado e com as costas escoradas em uma árvore. Levou a mão ao ferimento no peito e constatou que, apesar de doer um bocado e estar sangrando bastante, os cortes não foram tão profundos quanto ele temia. Em seguida, levantou-se, ajuntou o rifle e seguiu na direção tomada pelo monstro. Naquele momento já era praticamente dia e certamente o lobisomem voltaria à sua forma humana, o que o deixaria mais vulnerável. Além disso, estava gravemente ferido e não poderia ir muito longe com um punhal de prata cravado na barriga. Seguindo o rastro de sangue que então já era bem visível, Lucas percorreu uns duzentos metros pela mata até chegar à beira de um rio. Bem perto da margem, ele avistou algo se movendo junto ao solo e logo percebeu se tratar de um menino. Estava nu, mas sua pele se encontrava banhada em sangue. Seu corpo tremia convulsivamente e Lucas percebeu que ele não tinha mais o punhal cravado em seu abdômen. O rapaz até olhou ao redor para ver se localizava a arma que tinha salvado a sua vida, mas não a avistou. Provavelmente o monstro a arrancara de seu corpo e a jogara no meio do mato.

– Que ironia. – disse Lucas ao chegar bem próximo do menino – Nas noites de lua cheia é uma fera voraz e assassina, mas durante o dia é um menino indefeso, aleijado e deformado.

O garoto o observava com ar amedrontado. Lágrimas vertiam de seu único olho. Mas Lucas não se comoveu e nem hesitou por um instante sequer. Empunhou o rifle de forma que o cano da arma ficou posicionado a poucos centímetros da cabeça deformada do menino.

– Espero que você apodreça no inferno junto com o resto da sua família de cães vadios e sarnentos! – disse Lucas, com indisfarçável ódio no olhar.

Em seguida, seu dedo apertou o gatilho. O estrondo do tiro veio seguido pelo espirrar de sangue, pedaços de ossos e cérebro, que voaram pelos ares no instante em que a cabeça do ser amaldiçoado explodiu.

Lucas ergueu o rosto para o alto e vislumbrou os raios do sol nascente que encontravam espaços por entre as árvores e enchiam a paisagem com uma agradável luminosidade dourada. De forma lenta e fatigada, retornou então até a casa da extinta família de lobisomens.

Quando chegou as cercanias da residência, Lucas percebeu que os porcos guinchavam no chiqueiro de forma estridente, todos ao mesmo tempo. Deduziu, então, que deveria estar na hora deles serem alimentados, mas com toda certeza ele não estava nem um pouco preocupado com isso. Mais tarde ele iria recolher todos os corpos, colocá-los no interior da casa e incendiá-la com a gasolina que retiraria do tanque do automóvel. Também pensaria em elaborar uma explicação para fornecer às pessoas sobre aquilo tudo. Certamente, teria que empenhar bastante esforço para criar uma mentira convincente, pois era sabido que ninguém acreditaria na verdade. Mas tudo isso ele faria depois. Naquele exato momento, ele sentia que precisava descansar por algumas boas horas. Abriu a mochila de Rafael, que estava no banco traseiro do Vectra, e improvisou uma atadura para o seu peito com uma camiseta que rasgou. Em seguida, pegou uma camisa e a jaqueta que também pertencia ao amigo e as vestiu. É claro que ele poderia ter feito isso com as suas próprias roupas, mas elas estavam dentro do porta-malas e ele simplesmente não estava a fim de abri-lo e dar de cara com o cadáver de Diego. O rapaz, então, reclinou o banco do motorista, ajeitou-se da forma mais confortável possível e quase que imediatamente cedeu a exaustão, mergulhando em um sono profundo povoado por pesadelos que envolviam homens, lobos e meninos caolhos.

Nesse momento, ele ainda não tinha como saber que, horas depois, ao despertar, teria início um novo e macabro pesadelo no plano real, muito mais insano e aterrador do que qualquer coisa que ele pudesse vislumbrar no misterioso mundo dos sonhos.



VII

O OUTRO



1

Quando Diego abriu os olhos naquele final de tarde, sentiu-se como se tivesse acabado de despertar de um longo, tenebroso e desorientador pesadelo. Ele lembrava-se de tudo que havia se passado antes, mas não entendia o que estava acontecendo naquele exato momento. Ele moveu nervosamente as mãos e os braços em meio à escuridão que o cercava e logo entendeu que estava dentro do porta-malas de um carro. Agitou-se, gritou por socorro, chamou pelos nomes de Lucas e Rafael, mas ninguém o atendeu. Lá de fora, ele podia ouvir apenas o guincho constante dos porcos. Sem outra alternativa, ele desferiu alguns chutes contra a parte interna do capô e logo o trinco cedeu, abrindo-se. Segundos depois ele já estava do lado de fora.

– Mas que merda! – divagou Diego consigo mesmo – O que será que deu na cabeça do Lucas e do Rafael?! Eu fui gravemente ferido, e aqueles idiotas, ao invés de me levarem para um hospital, ou me socorrerem de qualquer outra forma, simplesmente me trancaram no porta-malas do carro!

Foi apenas nesse momento que o rapaz voltou suas atenções ao ferimento, pois não estava sentindo dor alguma. Levou a mão ao pescoço e constatou, com espanto, que a ferida já havia sarado. Em seu lugar, seus dedos apalpavam apenas uma grande e disforme cicatriz, que parecia pertencer a uma lesão antiga, muito antiga. Então, possuído por uma sensação de pavor indescritível, ele entendeu tudo.

– Não! Meu Deus, não é possível que isso esteja acontecendo comigo! – exclamava Diego, em meio às lágrimas.

Ele andava de um lado para o outro com as mãos na cabeça, soluçando desesperadamente. E o mais estranho é que, ao mesmo tempo em que sua mente

vacilava perigosamente entre um confuso desespero e a completa insanidade, seu corpo estava ganhando força a cada instante. Na medida em que o sol se punha rapidamente e o frio do final da tarde se intensificava, Diego sentia uma misteriosa e inumana energia se expandindo em seu interior. A lua cheia logo iria raiar, e o desconsolado rapaz sabia que o mal que agora habitava o seu interior surgiria com ela.

2

Após horas imerso em um sono pesado e agitado, Lucas despertou pouco antes das 16 horas. Sua primeira reação foi de irritação, pois ele sabia que não levaria muito tempo até começar a escurecer, de forma que ele simplesmente não conseguiria se deslocar a pé até a cidade de Nova Aparição. Teria que passar a noite no carro, ali mesmo, naquele lugar odioso. Contudo, havia algo que ele gostaria de fazer antes do dia terminar.

Depois de beber muita água e devorar avidamente todos os biscoitos e salgadinhos que encontrou dentro do carro, Lucas começou a recolher os cadáveres e arrastá-los para dentro da casa. Primeiro foi até a beira do rio e trouxe o corpo do menino. Depois, com muito pesar, juntou os pedaços de Rafael. Em seguida, arrastou os restos do velho e de Manuela. Essa última parte exigiu bem menos esforço, uma vez que os corpos estavam a poucos metros da casa. Faltava ainda pegar o cadáver de Diego. Logo depois ele retiraria o combustível do carro e incendiaria tudo. Teria o prazer de ver aquela casa e os principais vestígios de uma noite de horrores arderem no fogo. Pelo menos, era isso que ele pretendia.

Enquanto se encaminhava para o Vectra, Lucas olhou de soslaio para a pequena escada que levava até a varanda da casa e teve um enorme sobressalto ao constatar que seu rifle não estava mais ali.

— Mas, como é possível?! — resmungou ele, intrigado. Há poucos minutos havia passado por aquele mesmo lugar e tinha vislumbrado a arma ali, onde tinha a deixado escorada. Quem poderia tê-la pegado? Impulsivamente, Lucas levou a mão à cinta, procurando pelo punhal, mas então se lembrou que ele havia sido perdido no confronto com o lobisomem caolho, horas antes. Uma terrível sensação de angústia começou então a invadi-lo. Ele sabia que os lobisomens estavam mortos, pois tinha acabado de recolher os corpos de todos eles. Mas ainda assim, uma incômoda sensação de estar sendo observado perturbava-o. Por alguma razão que não podia explicar, ele estava sentindo mais medo naquele instante do que em qualquer outro momento da terrível noite anterior. Seus olhos passaram a vasculhar rapidamente o terreno ao redor, em busca de algum objeto que pudesse servir como uma arma improvisada.

Subitamente, Lucas ouviu uma voz vinda de algum lugar a suas costas. Ele a reconheceu imediatamente e o pavor que o invadiu nesse momento foi tão grande que o seu coração quase parou.

– Está procurando a sua *espingardinha*, Lucas? – perguntou Diego, com uma voz que denotava um misto de ódio e mágoa.

Lucas se virou e sentiu as suas pernas vacilarem ao ver o amigo bem ali, diante dos seus olhos. Por um instante, pensou que a sua mente poderia estar lhe pregando uma peça em função do estresse e do cansaço.

– Garanto que você nunca mais vai encontrá-la. – continuou Diego – Pelo menos, não inteira.

– Diego... Eu não entendo... – conseguiu balbuciar Lucas.

– Não entende?! Mas como pode não entender?! Você não é o sabichão?! O especialista em lobisomens?! – exclamou Diego, ao mesmo tempo em que começava a chorar copiosamente – Você sabe o que aconteceu comigo! Você sabe também o que vai acontecer daqui a pouco, quando a lua cheia surgir! E isso tudo é culpa sua! Sua, sua, sua!

– Cara, eu nem sei o que dizer... Eu não podia imaginar... – tentou argumentar Lucas, com voz trêmula e fraca.

– Não sabe o que dizer?! Não podia imaginar?! – interrompeu Diego, em meio às lágrimas e aos gritos histéricos – É claro que não podia! Pois tudo em que a sua mente imbecil conseguia pensar era em brincar de desvendar o *mistério do papai caminhoneiro*! Você estava pouco se lixando para nós! E agora, o Rafael está morto e eu sou uma daquelas... *coisas*!

– Diego, talvez a gente possa dar um jeito... – insistiu Lucas, quase em tom de súplica.

– Não, Lucas! Você sabe que não há nenhum jeito. Eu já sinto *algo* crescendo aqui dentro de mim. Veja! Já está escurecendo... Vai acontecer logo. – respondeu Diego, em um tom de voz mais grave e áspero do que lhe era peculiar.

Lucas percebeu a mudança na voz de Diego. Também notou que a sua fisionomia começava a se modificar. Seus olhos pareciam mais luminosos e uma barba espessa brotava em seu rosto. Os músculos por debaixo da pele de sua face pareciam pulsar ao mesmo tempo em que seus membros aparentavam se robustecer lentamente.

– Você vai pagar caro, Lucas! – exclamou Diego, com voz cavernosa. – Vai pagar caro por ter destruído nossas vidas em função de uma curiosidade estúpida! Eu mesmo me encarregarei do seu castigo!

A lua cheia já começava a despejar sobre a fria paisagem a sua luz pálida. Lucas sabia que tinha pouquíssimo tempo para concretizar sua fuga. Avistou, à sua esquerda, vários destroços de madeira do pilar da varanda, que havia se

partido na noite anterior sob o impacto do corpo de um dos lobisomens. Um desses pedaços de madeira tinha envergadura suficiente para desempenhar a função de um porrete improvisado. Diante de si, ele via Diego se contorcendo enquanto sua pele e seus ossos se distendiam em uma horrenda metamorfose. Teria que ser naquele momento.

Lucas deu dois passos rápidos para a esquerda, ajuntou o pedaço de madeira e correu na direção daquilo que até alguns instantes era Diego. A criatura estava curvada, se retorcendo, enquanto suas roupas se rasgavam sob a pressão do corpo que aumentava enormemente de envergadura. Reunindo todas as suas forças, Lucas atingiu o monstro com um golpe na cabeça. Por sua vez, a besta caiu ao chão urrando e recebeu mais quatro ou cinco pauladas em uma rápida sequência. Quando viu aquele ser hediondo se retorcendo convulsivamente no chão, Lucas constatou que havia ganhado alguns minutos. Largou apressadamente o porrete e correu o mais rápido que pôde, seguindo na direção do mato, ao sul da casa. Ele poderia ter seguido na direção da estrada, ao norte, mas naquele momento de confusão lhe ocorreu que poderia ser mais facilmente localizado pela criatura em campo aberto, de tal forma que a floresta ainda lhe pareceu uma opção mais segura.

Em sua fuga, Lucas passou por um declive, à direita do chiqueiro, e chegou até um pequeno córrego. Atravessou-o rapidamente e começou a subir em um morro que ficava do outro lado. Nas partes mais íngremes, ele se agarrava em arbustos e galhos de árvores para facilitar a subida. Quando estava mais ou menos na metade de sua desesperada escalada, ouviu ecoar pelo vale um uivo arrepiante que parecia lhe transmitir uma sensação de ódio indescritível. Ciente de que o monstro já estava novamente de pé, Lucas nem mesmo olhou para trás, e empenhou ainda mais esforço no intuito de ganhar o máximo de distância possível.

Quando finalmente chegou ao topo do aclive, Lucas permaneceu alguns instantes de joelhos, tentando recuperar o fôlego. De repente, o denso silêncio da noite foi quebrado por uma bizarra e angustiante sinfonia de guinchos suínos vindos do chiqueiro lá em baixo. Sob a luz espectral da lua cheia, o rapaz pôde ver, ao longe, vultos difusos se movimentando desesperadamente no interior daquela suja e mal cheirosa construção, e percebeu que entre eles havia algo muito maior e mais escuro, que parecia ser a razão de todo o alvoroço.

Lucas supôs que o lobisomem não iria parar até destroçar todos os porcos, e isso lhe daria mais alguns preciosos minutos para investir em sua fuga. Ele tinha certeza de que, mais cedo ou mais tarde, a criatura iria farejar o seu rastro e viria em seu encalço. Mas, com sorte, ele conseguiria abrir uma boa vantagem, ou

quem sabe até encontrar um lugar seguro para se abrigar e resistir até o amanhecer.

Apegado a essa ideia, ele correu em meio à mata por horas e horas. Às vezes, se embrenhava em partes onde a vegetação era mais densa e a luz do luar tinha dificuldades em passar por entre os galhos das árvores e, como resultado à má visibilidade, não faltavam tropeços, quedas e trombadas de encontro a árvores ou pedregulhos.

Em meio à angústia da fuga, Lucas perdeu completamente a noção do tempo. Ele não sabia há quantas horas estava correndo, mas naquele momento sentia que as suas forças estavam prestes a lhe abandonar por completo. Simplesmente não havia como continuar. Sem outras alternativas, ele olhou ao seu redor e escolheu uma árvore que lhe pareceu suficientemente alta e robusta. Escalou-a com grande dificuldade, e isso, ao invés de lhe provocar aborrecimentos, deixou-o satisfeito. Ele deduzia que, se para um ser humano era extremamente difícil subir até ali, para um lobisomem, com sua anatomia singular, seria ainda mais. No alto da árvore, posicionou-se sobre os galhos da forma mais confortável possível. Em seguida, retirou o cinto da calça e utilizou-o para prender firmemente seu braço esquerdo em um galho. Assim, mesmo que ele eventualmente adormecesse, não haveria risco de despencar lá para baixo.

O frio era intenso e a sensação de medo angustiante, mas mesmo assim a estafa e a exaustão venceram o desesperado fugitivo, e ele realmente adormeceu.

Seria impossível precisar por quanto tempo permaneceu dormindo, mas quando despertou sob o barulho dos pássaros saltitando e grasnando nos galhos das árvores ao redor, Lucas constatou que já era de manhã. Seu corpo estava gelado e dolorido, mas não dava para ficar se lamentando. Recolocou o cinto na calça e aproveitou o fato de que a árvore em que se encontrava era realmente alta para dar uma boa averiguada nos arredores, no intuito de avistar algum possível indício do seu perseguidor. Então, para o seu desespero, ele vislumbrou não indícios, mas o próprio Diego se aproximando, a cerca de 400 metros de distância. Lucas observou que ele estava nu e com o corpo imundo. Naquele instante, sentiu pena do amigo pelo que lhe havia acontecido. Mas isso durou apenas um breve momento. Em seguida, veio-lhe o pensamento de que aquele não era mais o Diego com quem ele desenvolvera uma amizade há tantos anos, mas sim um monstro envolto sob uma aparência humana. Uma besta sedenta por sangue, disposta a acabar com ele tão logo o pegasse.

Lucas sabia que, em sua forma humana, Diego não era tão perigoso, mas ele não queria ser encontrado, de maneira alguma. Simplesmente não suportaria ouvir as acusações e ameaças proferidas pelo seu algoz, com aquela voz chorosa e ensandecida. Além disso, se deixasse Diego alcançá-lo, talvez não conseguisse

mais se livrar dele até o anoitecer, e então não haveria como escapar. Desceu da árvore de forma apressada e desajeitada, e, tão logo tocou o solo, se pôs a correr na direção contrária daquela de onde vinha seu perseguidor. Depois de passar por mais algumas árvores de grande porte, Lucas chegou a uma área descampada, onde havia apenas capim e pequenos arbustos. Pelos seus cálculos, a clareira tinha mais de um quilômetro de extensão, de forma que ele deveria percorrê-la rapidamente para poder ficar novamente oculto pela vegetação, antes da chegada de Diego. Quando faltava pouco mais de uma centena de metros para concluir o percurso em campo aberto, ele ouviu aquela voz enregelante ressoando às suas costas:

– Não há como fugir, Lucas! Não há como fugir!

Apavorado, Lucas continuou correndo, e conseguiu permanecer assim até o final do dia. Para a sua felicidade, córregos e pequenos riachos eram abundantes na região, de forma que ele pôde parar por quatro vezes para beber água e lavar o rosto suado. Essas paradas nunca duravam mais do que cinco ou seis minutos, mas mesmo assim em duas delas Lucas percebeu a presença de Diego se aproximando. Na primeira, que ocorreu na borda de uma pequena colina, ele pôde ver o seu perseguidor se movimentando entre as árvores à distância. Na segunda, ele não chegou a vê-lo, mas pôde ouvir a sua voz vinda de dentro da mata. Diego demonstrava estar chorando tão desesperadamente que Lucas ficou em dúvida: ou era uma armadilha para atraí-lo, ou o rapaz, de fato, não suportara o fardo da maldição que se abateu sobre ele e entregou-se definitivamente aos domínios do desespero e da loucura. Contudo, o fugitivo não estava disposto a descobrir, e tratou de afastar-se rapidamente.

Já passava da metade da tarde e, até então, Lucas não se deparara com nenhum vestígio de civilização. Não avistou nenhum animal doméstico, nenhuma construção e muito menos alguma pessoa. A única coisa que lhe trouxe uma pequena parcela de esperança foi uma árvore carregada com frutas amarelas que ele logo identificou como sendo laranjas. Rapidamente, ele arrancou dos galhos quatro ou cinco dessas frutas, colocou-as nos bolsos e na parte de dentro da camisa e seguiu em sua fuga. Ia devorando-as vorazmente enquanto caminhava, e embora isso estivesse muito longe de ser uma refeição do porte que ele necessitava, pelo menos ajudaria a manter as suas já escassas energias por mais algum tempo.

Quando o sol passou a dar indícios de que iria começar o seu declínio rumo ao poente, Lucas constatou que as suas forças também estavam se exaurindo. Talvez ele procurasse outra árvore grande para se refugiar, ou simplesmente se deitasse na relva à espera de seu destino. Contudo, seus olhos vislumbraram algo tão simples, mas ao mesmo tempo tão significativo, que ele sentiu-se invadido por uma nova onda de ânimo: uma cerca de arame farpado. Se ali havia uma cerca,

então obviamente era propriedade de alguém e esse alguém deveria ter nas redondezas uma fazenda ou, quem sabe, um pequeno sítio. Esperançoso, Lucas saltou os arames e continuou correndo, movido pela esperança de que talvez conseguisse finalmente se salvar.

O rapaz andou por mais algum tempo, que lhe pareceu uma eternidade, até que finalmente avistou, para além de um pequeno bosque, uma grande e bela casa de campo. Ele começou a se dirigir para ela, sorrindo empolgadamente, e quando viu que diante da varanda estavam estacionadas duas caminhonetes, então sua sensação de alegria parecia ter atingido o ápice e ele começou a gargalhar espalhafatosamente. Porém, tal sensação logo se desfez, pois ele precisou ficar em silêncio para tentar identificar um som esquisito que vinha de algum lugar de dentro da mata, às suas costas. Apreensivo, ele constatou que o som chegava até ali muito fraco, pois vinha de longe. Contudo, era um som familiar. O som de uma voz conhecida que gritava:

– Não há como escapar, Lucas! Não há como escapar!



A. Lipson

VIII

O ESTRANHO: PARTE FINAL



1

– E então eu corri até aqui, entrei porta adentro e dei de cara com aquelas três meninas e esse sujeito. – disse Lucas, apontando para Lúcio enquanto bebia mais um gole de vinho – O resto da história vocês conhecem.

Lúcio e Adalberto permaneceram alguns instantes em silêncio, entreolhando-se e observando o estranho visitante com muita atenção.

– Olha... Eu já ouvi muitas histórias sobre Nova Aparição... – disse Lúcio, quebrando o silêncio.

– Eu também já ouvi! – retrucou Adalberto, com seu habitual tom rude – Ouço essas histórias desde que era criança. Mas o relato desse sujeito é o mais absurdo de todos.

– Sim, eu sei que parece absurdo, mas é tudo verdade. – insistiu Lucas – Vocês deveriam acreditar, para o seu próprio bem.

– Sabe, Adalberto, eu acho que talvez devêssemos voltar para a cidade. – disse Lúcio, tentando disfarçar a apreensão – Podemos fazer nosso *churrasco* no próximo final de semana.

Adalberto sabia que o amigo estava certo. Se Lucas insistisse em ir até a delegacia mais próxima para contar a sua história maluca, provavelmente incluiria no relato o fato de ter passado por ali e ter encontrado dois homens maduros em companhia de três meninas menores de idade. E isso certamente lhes causaria sérios problemas. Por outro lado, com aquele estranho sujeito hospedado na casa, a *festinha* que eles haviam programado iria por água abaixo. Mas, além disso, Adalberto sentia que aquele homem estava sendo sincero. Ele jamais admitiria, mas já estava começando a cogitar a possibilidade de haver algo de assustadoramente verdadeiro em seu relato.

– Está bem. Vamos embora – disse Adalberto – Afinal de contas, não quero que esse maluco acabe surtando aqui dentro da minha casa e faça alguma bobagem. Vamos levá-lo até a cidade.

– Ótimo! – exclamou Lucas, com satisfação.

2

Quando entraram na sala de estar, os três homens estranharam o fato de só haver duas meninas ali.

– Onde está a Débora? – perguntou Lúcio, com impaciência.

– Ela foi lá fora. – respondeu uma das moças.

– Lá fora?! Mas fazer o quê?! – indagou Lúcio, praticamente gritando.

– Bem, é que a gente sabe que o Beto não gosta que fumem aqui dentro, e ela estava a fim de *dar uns pegadas*. – continuou a moça.

– Meu Deus! – exclamou Lucas, abrindo a porta da sala e se projetando para o exterior da casa.

Os outros dois homens o seguiram e juntos encontraram, diante da casa, apenas um único tênis feminino dentro de uma pequena poça de sangue.

– Viram?! Ele já está aqui! Ele a pegou! – gritou Lucas.

– Mas como é possível não termos ouvido nada? – questionou Lúcio.

– Essas criaturas são mais astutas do que vocês podem imaginar! – respondeu Lucas.

– Vejam! – interveio Adalberto – Há um rastro de sangue que vai em direção daquele bosque, no outro lado da casa.

– Não devemos ir até lá. – disse Lucas – Ao ar livre será muito mais fácil para aquela coisa nos pegar.

– Eu preciso ir! – exclamou Lúcio, correndo na direção do bosque com uma das espingardas em mãos – Fui eu quem trouxe a Débora até aqui! Sou responsável por ela!

– Você precisa impedi-lo! – disse Lucas ao outro – Com certeza a moça já está morta!

– Mas que merda! – gritou Adalberto – Fique aqui com as garotas enquanto eu vou até lá buscá-lo.

Adalberto, então, seguiu na direção tomada por Lúcio. Ele estava a cerca de uma dezena de metros atrás do amigo, de tal forma que pôde ver, com clareza, o momento em que o outro encontrou o corpo de Débora debaixo de uma árvore. Lúcio recuou, apavorado, e já se preparava para voltar correndo, quando uma coisa enorme surgiu da escuridão e o atingiu no rosto, com um golpe tão violento que lhe arrancou o maxilar. Adalberto viu os dentes e os pedaços de ossos voando pelos

ares enquanto o amigo caía, se contorcendo convulsivamente. A criatura, então, olhou em sua direção, deixando à mostra as presas enormes e os olhos iluminados em um tom vermelho que parecia cintilar. Assustado, Adalberto apontou sua espingarda na direção da criatura e disparou. O tiro atingiu-a no ombro esquerdo e fez com que ela cambaleasse, urrando de dor e ódio, mas apenas por um instante. Segundos depois, a besta já estava correndo na direção do fazendeiro novamente. Incrédulo, o homem atirou de novo e atingiu o monstro no peito, dessa vez fazendo com que ele caísse por terra.

Quando percebeu que os tiros surtiam pouco efeito sobre a criatura, e que ela já estava se levantando de novo, Adalberto entendeu que não havia muito a fazer além de correr de volta na direção da casa.

– Entre! Entre! – gritou ele para Lucas, aproximando-se com o lobisomem em seu encalço.

Tão logo conseguiram entrar e se trancar na casa, os dois homens sentiram um baque fortíssimo do lado de fora da porta, e que fez com que a grossa madeira rangesse assustadoramente. Segundos depois, veio uma nova pancada ainda mais forte do que a anterior e Lucas pôde ver a porta rachando e as dobradiças começando a ceder. Bastariam mais dois ou três golpes e o monstro estaria do lado de dentro.

Porém, as pancadas cessaram subitamente, de forma que o único som audível no interior da casa era dos gritos histéricos das duas meninas, que se encontravam encolhidas junto à parede do extremo oposto da sala.

– Será que ele desistiu? – perguntou Adalberto, apreensivo.

– Duvido! – respondeu Lucas.

De repente, como se para confirmar a asserção feita por Lucas, a grande janela envidraçada, que ficava no lado esquerdo da sala, explodiu em milhares de estilhaços quando o lobisomem saltou através dela, adentrando no recinto. Sob a perfeita iluminação da sala, Adalberto pôde observar melhor os detalhes da horrenda criatura que se encontrava diante dele. Apoiado apenas nas patas traseiras como estava naquele momento, o monstro atingia uma altura que passava dos dois metros. Todo seu corpo era coberto por uma espessa camada de longos pelos marrons e, embora sua anatomia lembrasse a de um homem de proporções gigantescas – sobretudo nas patas dianteiras, onde as unhas pareciam ter sido substituídas por garras longas e afiadas –, sua cabeça pouco tinha de humano, uma vez que a sua face era prolongada para frente, formando um fuço lupino que encimava uma bocarra enorme e repleta de dentes pontiagudos. Lucas, por sua vez, observava a face da criatura e, com um misto de medo e pesar, identificava nela alguns claros traços da fisionomia de Diego.

Com uma rapidez espantosa, o lobisomem saltou na direção das moças, que se encontravam a sua direita, gritando e se espremendo contra a parede. Antes que elas pudessem esboçar qualquer reação, o monstro agarrou a cabeça da menina que estava mais próxima e, com um movimento extremamente brutal, arrancou-a do corpo, fazendo com que o sangue espirrasse de encontro às paredes.

Imediatamente, Adalberto apontou sua espingarda na direção da criatura e atirou. Novamente, o tiro atingiu-a no peito, a centímetros do ferimento provocado pelo disparo de alguns minutos antes. Aparentando estar sentido mais dor do que ao ter sido baleado anteriormente, o lobisomem urrou de forma aterradora e precipitou-se de volta pela janela, por onde havia entrado, e desapareceu na escuridão da noite.

– Jesus Cristo! – exclamou Adalberto – Eu acertei três tiros nesse demônio e ele continua vivo!

– É preciso usar prata para matá-los. – explicou Lucas – Armas normais podem feri-los, mas eles acabam se recuperando. Na próxima vez, tente atirar na cabeça. Certamente o estrago será maior.

Apressadamente, Adalberto andou até a menina sobrevivente que estava sentada no chão. Ela cobria o rosto com as mãos e balbuciava palavras desconexas, em choque.

– Patrícia, me escute! Precisamos fugir antes que aquela coisa volte, está entendendo? Venha comigo, rápido!

Lucas abriu rapidamente a porta para facilitar a passagem do fazendeiro, que vinha praticamente carregando a moça chamada Patrícia. Caminhando bem próximos uns dos outros, os três atravessaram apressadamente a curta distância que os separava das caminhonetes estacionadas diante da casa e embarcaram em uma delas. Adalberto sentou-se ao volante, Lucas ao lado da outra porta e Patrícia ficou entre os dois.

A chave já havia sido girada na ignição do veículo, quando Lucas falou:

– Me passe a sua espingarda! Se o monstro aparecer enquanto você estiver dirigindo, eu posso atirar.

Concordando com a solicitação, Adalberto estava pegando a arma, que se encontrava escorada ao seu lado, entre o banco e o assoalho do veículo, quando, de repente, o vidro da sua janela estourou e por ali entrou um enorme braço, peludo e robusto, que o agarrou pelo pescoço. Em poucos segundos, aquele homem alto e corpulento foi arrastado para fora do veículo e estraçalhado pelas garras e presas afiadas do lobisomem, sem que nada pudesse ser feito para ajudá-lo.

Lucas saltou da caminhonete pela outra porta, puxando Patrícia pela mão, atrás de si. Ele não tinha tido tempo de pegar a espingarda, e sabia muito bem que seria praticamente um suicídio tentar fugir, a pé, com aquela moça para qualquer

outro lugar. A única opção que lhe restava era buscar abrigo no interior da casa e tentar resistir até o amanhecer, ainda que isso parecesse muito pouco provável naquele momento.

Instantes antes de fechar a porta da casa e trancá-la, Lucas ainda teve tempo de dar uma rápida olhada para fora e ver o lobisomem arrancar, com uma mordida, um grande naco de carne das costas do cadáver de Adalberto, ao mesmo tempo em que emitia um rugido que mais parecia uma risada de satisfação.

O rapaz sabia que, fosse pela porta em precárias condições, ou através da janela já arrombada, logo a criatura conseguiria entrar e viria atrás deles. Porém, não imaginava que isso pudesse acontecer tão rapidamente. Ele e Patrícia ainda estavam na metade da escada que levava ao segundo andar da casa quando ouviu, atrás de si, o espantoso estrondo da porta da frente sendo arrombada e caindo ao chão. Sem olhar para trás, Lucas pôde ouvir também as pesadas passadas do lobisomem vibrando no assoalho, e por mais que ele tenha se esforçado para subir os degraus o mais rapidamente possível, praticamente arrastando a moça consigo, a criatura foi mais rápida e agarrou Patrícia pelas pernas. Apavorada, a moça gritava de forma estridente enquanto Lucas empregava todas as suas forças no intuito de não largar a sua mão.

Invadido por uma sensação de perplexidade e impotência, o rapaz viu o monstro ganhando aquele bizarro cabo de guerra humano, primeiro ao cravar profundamente suas garras nas costas de Patrícia e depois ao segurá-la pelos ombros. Por fim, Lucas ouviu o som desconcertante de ossos se partindo no momento em que a garota gritou de forma ainda mais intensa, e o sangue dela espirrou em seu rosto, obrigando-o a fechar os olhos.

Subitamente, ele sentiu a pressão exercida sobre o corpo da moça diminuir, e quando tornou a abrir os olhos constatou, perplexamente, que estava apenas com o braço de Patrícia em suas mãos, pois o resto do corpo acabara de ser arrastado para baixo. O monstro, então, segurou a garota pelo pescoço e introduziu suas garras na barriga dela, arrancando suas entranhas e emitindo novamente aquele rosnado que se assemelhava mais a uma gargalhada gutural.

Lucas entendeu que estava ficando sem alternativas. Correu escada acima e entrou no primeiro aposento que encontrou aberto. Trancou a porta pelo lado de dentro e só depois constatou que se tratava de um quarto muito bem mobiliado e equipado. Ao chegar junto à janela, percebeu contrariadamente que não havia nenhuma forma de tentar atingir o telhado da casa por ali, pois não existiam nem abas e nem beirais que permitissem uma escalada improvisada. Só lhe restava saltar até o solo, embora a altura fosse suficiente para fazê-lo supor que poderia se machucar na queda, talvez até com gravidade. Porém, não houve tempo para Lucas decidir se iria ou não arriscar o salto.

Com um único golpe, o lobisomem botou abaixo a porta do quarto e invadiu-o emitindo um urro estarrecedor. Parecia ser um gesto de triunfo, daqueles que alguns predadores emitem ao constatar que a tão almejada presa se encontra finalmente encurralada. Mas, embora percebesse que o fim da linha estava próximo, Lucas não estava disposto a se entregar sem lutar. Pegou uma cadeira que estava ao lado da cama e quebrou-a de encontro ao monstro, sem, contudo, obter maiores resultados. Agarrou, então, uma televisão que estava presa em um suporte na parede e arremessou-a contra a criatura que, por sua vez, defendeu-se com as patas anteriores, sem grandes dificuldades. Convicto em resistir até que fosse possível, o rapaz continuou atirando contra a besta tudo que encontrava pela frente: vasos de flores, frascos de perfumes, livros e porta-retratos. O lobisomem se desviava de alguns objetos e, às vezes, até permitia que outros lhe atingissem, como se estivesse consciente de que eles eram incapazes de feri-lo.

Lucas, então, avistou sobre a cômoda uma estatueta de metal que tinha o formato do corpo de um índio. Ele percebeu, ao pegar o artefato, que o mesmo era bastante pesado e tinha uma extremidade pontiaguda. Supôs, então, que poderia usá-lo para golpear a cabeça do monstro, ou quem sabe até atingir um de seus olhos.

Acreditando nessa possibilidade, Lucas empunhou a estatueta, se aproximou da criatura e impulsionou o corpo para tentar atingi-la na face. Como se já esperasse por aquilo, o monstro moveu agilmente a cabeça para o lado e abocanhou o braço do rapaz, mordendo-o logo abaixo do pulso e fazendo-o soltar a estatueta. Era o fim da esperança.

O lobisomem, então, agarrou Lucas pela nuca e o arremessou violentamente contra a parede. O rapaz estava caído no chão, atordoado, quando o monstro ajuntou-o pelo pescoço e desta vez o arremessou de encontro ao guarda-roupa, do outro lado do quarto. Lucas já estava quase inconsciente, quando sentiu os dedos incrivelmente fortes da criatura agarrando-o novamente pela parte de trás da cabeça e suspendendo-o no ar. Ele pôde ouvir os rosnados de satisfação emitidos pelo monstro. O predador parecia estar se divertindo com sua presa.

A última lembrança que o rapaz guardou daquele momento foi a sensação de sentir o seu corpo sendo arremessado mais uma vez de encontro a parede. A sua cabeça atingiu a divisória de madeira com tanta violência que, no momento em que o seu corpo desabou no chão, ele já estava desacordado.



Quando Lucas recobrou a consciência, já era dia. A luminosidade fustigou seus olhos de tal forma que ele os cobriu com as mãos. Precisou de alguns longos minutos para se situar e entender o que havia acontecido. Por um breve momento, chegou a supor que estivesse morto, mas logo percebeu que aquilo não fazia sentido. Ele estava vivo, embora não compreendesse como isso era possível. Ao contrário do que ele supunha que iria acontecer, o lobisomem não o estraçalhou, a exemplo do que fez com os outros, mas apenas o feriu. E ao lembrar-se dos ferimentos, ele constatou, surpreso, que não sentia dor alguma. Com exceção dos seus olhos, que estavam sensíveis à luz, o restante do seu corpo parecia ótimo. Até mesmo aquela terrível sensação de estafa e exaustão havia desaparecido.

O rapaz, então, começou a erguer-se do chão lentamente. Ele permaneceu alguns instantes sentado no assoalho, sem saber ao certo o que fazer, quando seus olhos casualmente fitaram a parede ao seu lado, e o que havia ali o fez entender que tudo estava acabado. Invaso pelo pavor, Lucas sentiu seu corpo ser tomado por uma espécie de calafrio, ao mesmo tempo em que seus olhos não conseguiam se desviar um instante sequer da mórbida imagem à sua frente. Na parede branca, estava escrito com sangue: *A maldição será o seu castigo!*

A tosca caligrafia de Diego era inconfundível. Lucas arregaçou a manga da jaqueta e observou a cicatriz da mordida próxima ao seu pulso direito. O ferimento já estava praticamente curado. Então, ele entendeu porque não havia sido morto. Diego achava que a morte seria um castigo muito brando por ele ter sido o responsável por tudo o que aconteceu. Lucas deveria sofrer com a maldição. Deveria sentir na carne, na mente e na alma todos os tormentos pelos quais o próprio Diego estava passando.

Lucas compreendeu que, realmente, seria melhor ter morrido. O que estava por vir, a partir daquele momento, era muito pior do que enfrentar a família de lobisomens de Nova Aparição; muito pior do que ter que fugir por horas infindáveis do próprio amigo convertido em monstro; muito pior do que ter que presenciar um banho de sangue como o que ocorrera na noite anterior, ali mesmo, naquela casa; muito pior do que ter que carregar em seu interior o peso de ter sido o responsável por tudo isso. Para ele, o verdadeiro horror, indescritível e inimaginável, ainda estava por vir, na próxima lua cheia.



André Bozzetto Jr é natural de Ilópolis – RS e reside atualmente em Pinhalzinho – SC, onde trabalha como professor na Educação Básica e no Ensino Superior. Graduado em História e Mestre em Letras, publicou seu primeiro romance sobrenatural, *Odisséia nas Sombras*, em 1998. Abordou a figura mítica do lobisomem nos enredos dos livros *Na Próxima Lua Cheia* (2010), *Jarbas* (2011), *Lobos do Sul* (2021) e também em diversos contos publicados em antologias de literatura fantástica, como *Metamorfose – A Fúria dos Lobisomens* (2009) e *Amor Lobo* (2013), entre outros. Em 2012 também publicou o suspense intitulado *O Inimigo Final*.

Para ler gratuitamente contos de André Bozzetto Jr e outros autores convidados, resenhas e matérias sobre filmes, histórias em quadrinhos e livros de terror nacionais, além de entrevistas com diversos artistas do gênero, acesse: relatosnoturnos.com

